

CYRANO DE BERGERAC

Edmond Rostand

InfoLivros.org



SINOPSE DE CYRANO DE BERGERAC

Cyrano de Bergerac é um clássico da literatura francesa e mundial. Trata-se da vida de Cyrano, um homem guerreiro, valente, hábil e dotado de inteligência, mas com um defeito que o impede de sentir-se plenamente orgulhoso: seu nariz exageradamente grande.

Cyrano ama sua prima Roxane, mas ela não o ama de volta e em vez disso se apaixona por Christian, um jovem soldado que é o oposto completo de Cyrano. Ele é bonito, mas definitivamente não é muito inteligente com as palavras e tem pouca inteligência.

Atendendo ao pedido de Roxane de proteger Christian, Cyrano torna-se seu amigo e também se faz passar por ele a fim de romancear a moça através de cartas. A partir de então, desenvolve-se um trio de amor muito peculiar.

Esta peça nos deixa uma mensagem importante, que é a de que a segurança de uma pessoa não deve ser baseada apenas em sua aparência física, já que, especialmente no amor, há coisas muito mais importantes.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link

[Cyrano de Bergerac por Edmond Rostand em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [Cyrano de Bergerac author Edmond Rostand](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [Cyrano de Bergerac autor Edmond Rostand](#)
 - Francês InfoLivres.org: [Cyrano de Bergerac auteur Edmond Rostand](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF](#) em InfoLivros.org

PERSONAGENS

Cristiano de Neuville (növilet)

Lignière (linhêr), cantor popular

Cuigy (cuiji)

Brissaille (briçáie)

Uma garçone

Ragueneau (raguenô), confeiteiro

Le Bret (lê bré)

Roxana

Aia

Conde de Guiche (guich)

Visconde de Valvert (valvérr)

Bajuladores

Um gatuno

Montfleury (mõflörri) ator

Cyrano de Bergerac (cirranô dê berrgerrác)

Um marquês

Bellerose (bèlerrôz), ator

Um jovem

Um velho burguês

As preciosas³

Um importuno

D' Artagnan (darrtanhã)

Os poetas

Carbon de Castel-Jaloux (carrbôn dê castél jalú)

Um frade capuchinho

ATO I

Uma representação no Teatro do Paço de Borgonha. Paris, 1640.

O espectador vê: o palco, ainda com as cortinas fechadas e luzes apagadas, duas ordens de galerias laterais, a superior dividida em camarotes e a plateia, inferior, sem assentos; ao fundo desta plateia uma espécie de bar. Sobre a grande porta de entrada, um cartaz com a seguinte legenda: “A Clorisa”.

CENA 1

O público começa a entrar. Nos camarotes acomodam-se nobres, militares, religiosos, intelectuais, comerciantes, personalidades importantes da sociedade parisiense. Na plateia, de onde muitas vezes se assiste ao espetáculo em pé, acomodam-se soldados, mosqueteiros, burgueses, lacaios, pajens, artistas, crianças, gatunos e outros espectadores menos ilustres. Enquanto esperam o início do espetáculo, fazem grande tumulto na plateia: uns jogam cartas, outros cortejam raparigas, mosqueteiros exercitam-se na esgrima, do bar ouvem-se anúncios de lanches e bebidas.

Chegam à plateia Lignière e Cristiano de Neuville, de braços dados. Lignière, cantor e boêmio, é um pouco desleixado no vestir. Cristiano veste-se elegantemente, porém um tanto fora de moda; olha preocupadamente para os camarotes.

Depois Cuigy, Brissaille, Ragueneau e Le Bret.

LIGNIÈRE - (também olhando para os camarotes) Meu caro Cristiano, já esperei demais. Sua dama não vem...

CRISTIANO - Não, por favor, espere! Só você pode me dizer quem é aquela por quem morro de amores... Você conhece todo mundo em Paris!

LIGNIÈRE - Não posso ficar mais, devo satisfazer meu vício: meus amigos estão me esperando num bar aqui perto...

(Enquanto caminham em direção à saída, chegam dois conhecidos de Lignière.)

CUIGY - Lignière! Você por aqui?

LIGNIÈRE - (voltando-se para Cristiano) Quero apresentar-lhe a estes senhores, Cuigy e Brissaille. Senhores, este é Cristiano, barão de Neuville.

CRISTIANO - (inclinando-se) Muito prazer.

CUIGY - (para Brissaille) Um belo rapaz, mas não tem muito gosto para se vestir...

LIGNIÈRE - Cristiano acaba de chegar de Touraine.

CRISTIANO - Sim, estou aqui há vinte dias e amanhã serei incorporado à Guarda de Paris, como cadete.

CUIGY – (olhando para os camarotes) Olhem quanta gente importante reunida hoje neste teatro! Ali está a marquesa de Aubry!

BRISSAILLE – E acolá a senhora de Chavigny!

CUIGY – O grande escritor Corneille, que veio de Ruão!

BRISSAILLE – E tantos membros da Academia Francesa... e também muitas “preciosas”⁴ da nossa sociedade! Bartenósia, Cassandácia, Felixéria...

LIGNIÈRE – (à parte, para Cristiano) Meu amigo, acho que ela não vem mesmo. Tenho que ir, esperam-me no café.

CRISTIANO – Por favor, você precisa me ajudar. Vamos tomar alguma coisa por aqui... (aproximam-se do bar do teatro) Por favor, senhorita, dois copos de vinho. Sabe, Lignière, eu receio que ela seja muito refinada. Não tenho coragem de falar-lhe, pois não sei me expressar bem, falta-me talento para o estilo rebuscado de hoje em dia... Sou apenas um soldado tímido.

(A orquestra, que entrara aos poucos, começa a afinar os instrumentos. Entra outro amigo de Lignière.)

LIGNIÈRE – Ragueneau!

RAGUENEAU – Salve, Lignière! Você viu Cyrano por aí?

LIGNIÈRE – (a Cristiano) Este é Ragueneau, o famoso confeitoiro dos artistas e poetas!

CRISTIANO – Muito prazer. RAGUENEAU – Muito prazer.

4. Ver nota 3.

LIGNIÈRE – Amante das artes e da poesia, faz versos tão bons quanto doces, tortas e pastéis!

RAGUENEAU – Quantas honras... obrigado. Mas, afinal, vocês não viram Cyrano? É estranho que ele ainda não tenha chegado...

LIGNIÈRE – Por quê?

RAGUENEAU – Porque o ator Montfleury vai apresentar-se hoje.

LIGNIÈRE – Eu sei. É a estreia da Clorisa, de Balthazar Baro,⁵ e o grande Montfleury faz o papel principal. Mas o que isso tem a ver com Cyrano?

RAGUENEAU – Tem muito! Você não sabe que Cyrano detesta Montfleury e o proibiu de aparecer no palco durante um mês?

CRISTIANO – E quem é Cyrano?

LIGNIÈRE – Um cadete da Guarda, excelente espadachim⁶... Aí vem alguém que pode lhe falar sobre Cyrano de Bergerac...

(Entra Le Bret)

Olá, Le Bret! Você também está procurando Cyrano?

LE BRET – Sim, e confesso estar bastante preocupado...

CRISTIANO – Mas, afinal, o que tem esse Cyrano de tão extraordinário?

nário?

LE BRET – Ele é o mais original dos seres sobre a face da Terra!

RAGUENEAU – E poeta, escritor...

LIGNIÈRE – Amante de música e teatro... LE BRET – Muito valente...

LIGNIÈRE – E tem um aspecto bem esquisito! RAGUENEAU – (improvisando versos)

Pintor algum jamais desenhará Perfil semelhante ao de Bergerac;

Mais bizarro, excessivo, extravagante, Grotesco, caricato e petulante!

Penacho no chapéu, capa e espada, Corajoso, não perde uma estocada!⁷

5. A peça A Clorisa, de Balthazar Baro, foi realmente encenada no Paço de Barganha, em 1631.

6. Espadachim: aquele que luta com a espada.

7. Estocada: golpe com a ponta da espada.

Fingindo um rabo de galo insolente⁸ Se empina e enfrenta
todos o valente! Exímio espadachim, consigo porta Uma crista
esquisita, rubra⁹, torta...

Um nariz! Mas que penca gigantesca, Feia, disforme,
polichinelesca!¹⁰ Todos que veem um narigudo tal

Pensam: “Meu Deus, que hipóbole¹¹ nasal! Não seria melhor
tirá-lo?” Engano!

Jamais o tira o intrépido¹² Cyrano!

LE BRET – E aí de quem reparar! Terá de enfrentar a sua
espada... LIGNIÈRE – Acho que ele não vem.

RAGUENEAU – Aposto uma bela torta... como virá!

(Murmúrio de admiração no teatro: Roxana entra no camarote,
seguida por sua aia.)

CRISTIANO – (para Lignière) É ela! LIGNIÈRE – Ah, é aquela?

CRISTIANO – Sim, tremo de emoção! Diga-me depressa: quem
é ela? LIGNIÈRE – Madeleine Robin, conhecida como Roxana.
Solteira, órfã desde menina. É prima de Bergerac. E é uma
“preciosa”: dama

da sociedade, de modos refinados e linguagem rebuscada...

(Entra um elegante fidalgo no camarote de Roxana e a cumprimenta.)

8. Insolente: desrespeitoso, arrogante.
9. Rubro: vermelho.
10. Polichinelesco: relativo a Polichinelo, personagem caracterizado pelo enorme nariz, pela corcunda, pela barriga, pelas vestes multicoloridas e pela fala esganiçada, típico do teatro medieval italiano ou commedia dell'arte.
11. Hipérbole: excesso, exagero.
12. Intrépido: destemido, corajoso.

CRISTIANO – (estremecendo) E aquele homem, quem é?

LIGNIÈRE – É o conde de Guiche, sobrinho de nosso governante máximo, o cardeal Richelieu. É casado, trinta anos mais velho do que ela e faz-lhe a corte. Quer que Roxana se case com um protegido seu, o visconde de Valvert. Ela não quer, mas o conde é poderoso e tem meios de influenciar uma jovem burguesa... Eu compus uma canção denunciando seus abusos e por isso ele me odeia. O final é terrível! Quer ouvi-la?

CRISTIANO – Não, obrigado. Já vou indo... LIGNIÈRE – Mas aonde você vai?

CRISTIANO – Vou falar com esse Valvert!

LIGNIÈRE – Você está louco? Ele pode matá-lo! (aponta Roxana com o olhar) Veja, você está sendo contemplado lá de cima... (Cristiano encontra o olhar de Roxana e fica paralisado.) Agora sou eu quem vai embora. Adeus! A embriaguez me aguarda.

(Sai.)

CENA 2

Os mesmos, menos Lignière. Depois Montfleury.

(De Guiche desce do camarote de Roxana, seguido por uma comitiva de bajuladores, entre os quais Valvert. Cristiano tentava ver para onde se dirigiam, quando percebe que alguém está querendo enfiar a mão em seu bolso.)

CRISTIANO – Ei! O que está fazendo aí? O GATUNO –
Procurava uma luva...

CRISTIANO – (agarrando-o) Eu acabo com você, seu bandido!

O GATUNO – Não, por favor, solte-me! Em troca, posso contar-lhe uma coisa importante...

CRISTIANO – (continuando a segurá-lo) Não quero saber! O

GATUNO – É sobre seu amigo Lignière...

CRISTIANO – O que tem ele?

O GATUNO – Corre sério perigo! Um nobre importante resolveu vingar-se dele, por causa de uma canção. E preparou-lhe uma emboscada: cem homens o esperarão esta noite junto aos muros de Paris, perto da Porta de Nesle. É melhor preveni-lo...

CRISTIANO – (largando-o) Mas... onde encontrá-lo?

O GATUNO – Ora, basta percorrer os cabarés da vizinhança que acabará encontrando-o... senão deixe-lhe ao menos um bilhete em cada bar.

CRISTIANO – (olhando para Roxana) Adeus! Lignière será salvo!

(Sai às pressas. A plateia, já repleta, começa a reclamar do atraso. Correm murmúrios de que o cardeal Armand de Richelieu acabara de entrar em seu camarote. O som de três pancadas anuncia que o espetáculo vai começar. Faz-se silêncio.

Abrem-se as cortinas ao som de violinos.)

LE BRET – (em voz baixa, para Ragueneau) E Cyrano não veio mesmo...

RAGUENEAU – Perdi a aposta!

(Entra em cena o ator Montfleury, vestido de pastor. Aplausos.)

MONTFLEURY – (após cumprimentar o público) “Feliz aquele que, num lugar solitário, longe da Corte, num exílio voluntário...

UMA VOZ – (no meio da plateia) Patife! Sai de cena! Eu não proibi você de pisar no palco por trinta dias?

(Murmúrios de espanto geral.)

RAGUENEAU – (para Le Bret) É Cyrano!

MONTFLEURY – (desconcertado) “Feliz aquele que, num lugar solitário...”

A VOZ – Fora!

(Vozes na plateia e nos camarotes protestam, indignadas.)

MONTFLEURY – (cada vez mais fraco) “Feliz aquele que...”

CYRANO – (surgindo em meio à plateia, de pé sobre uma cadeira,

com seu uniforme de cadete e braços cruzados) Desça daí, velha- co! Estou começando a me zangar!

CENA 3

(Sensação na plateia.)

Os mesmos, Cyrano, depois Bellerose, De Guiche, Valvert. (Os espectadores continuam a reclamar.)

UM MARQUÊS – O espetáculo precisa continuar!

MONTFLEURY – (aos nobres dos camarotes) Senhores, ajudem-me! O MARQUÊS – Vamos, Montfleury, prossiga!

MONTFLEURY – “Feliz aquele...”

CYRANO – É melhor parar agora, pançudo! Ou terei que o deter à força?

O MARQUÊS – Avante, Montfleury!

CYRANO – Se não for embora, acabará sem tripas e sem orelhas! MONTFLEURY – Eu...

(O público continua a protestar, pedindo que o ator prossiga.)

CYRANO – (para o público que grita a seu redor) Tenham pena de minha espada! Se continuarem, ela terá que trabalhar! (para Montfleury) Fora! (outra vez para o público, em tom de ameaça) Eu os convido a ficar calados! Caso contrário, os desafio! Estão abertas as inscrições: quem quer se bater comigo? Venham, coragem! O senhor, cavalheiro? O senhor ali? Ninguém se habilita?

(Silêncio.)

Vou bater palmas três vezes. Se na terceira o monstro ainda estiver sobre o palco, adeus! Uma... Duas...

MONTFLEURY – Eu... CYRANO – Três!

(Montfleury desaparece como por encanto. Na plateia e nos camarotes, uma tempestade de risadas, vaia e assobios.)

CYRANO – (encostando-se na cadeira e cruzando as pernas)
Vamos ver se tem a coragem de voltar.

(Surge no palco um outro famoso ator, Bellerose.)

BELLEROSE – Senhoras e senhores, vim aqui para explicar que o ator que tanto admiram, Montfleury, sentiu-se mal... e teve que se retirar.

(Novas risadas e vaia do público.)

UM JOVEM – (a Cyrano) Mas afinal por que o senhor odeia tanto Montfleury?

CYRANO – (em tom gracioso) Ora, por duas razões. Primeiro porque ele é um péssimo ator. Segundo porque... não posso dizer: motivo particular.

UM VELHO BURGUEÊS – (intrrompendo-se na conversa) Então por um mero capricho o senhor nos priva de ver a Clorisa. Eu me pergunto...

CYRANO – (impedido que o velho continuasse a falar) Mula velha! Os versos de Baro valem menos do que zero. Eu os interrompo sem remorso!

AS PRECIOSAS – (nos camarotes) Oh, que horror! Que absurdo! O nosso Baro! Você ouviu isso, querida?

CYRANO – (para os camarotes) Floresçam! Brilhem! Sejam inspira- ção para nossos versos, mas não os julguem!

BELLEROSE – E o dinheiro das entradas? Agora teremos que devol- ver...

CYRANO – Você disse algo inteligente, Bellerose. (ergue-se e atira uma bolsa ao palco) Pegue isso e cale a boca! Acho que será suficiente.

BELLEROSE – (pegando a bolsa) Por este preço, o senhor está con- vidado a interromper a Clorisa todas as noites! (para o público) Senhores, o espetáculo está encerrado. Evacuem a sala!

(O público começa a retirar-se da plateia e dos camarotes, mas detém-se ao ouvir a cena seguinte e volta a seus lugares.)

UM ESPECTADOR IMPORTUNO – (aproximando-se de Cyrano)

Onde já se viu fazer uma coisa dessas com o grande Montfleury... Que escândalo! Sabia que ele é protegido do duque de Candale? E o senhor, tem algum protetor?

CYRANO – Não.

O IMPORTUNO – Então, terá que fugir da cidade... CYRANO – De jeito nenhum.

O IMPORTUNO – Olha que o duque de Candale tem o braço longo... CYRANO – Mas não tanto quanto o meu... (mostra-lhe a espada)

quando uso esta extensão!

O IMPORTUNO – O senhor não pretende... CYRANO – Pretendo, sim.

O IMPORTUNO – Mas...

CYRANO – Desapareça já daqui... ou diga-me: por que está olhando para o meu nariz?

O IMPORTUNO – Mas não estou...

CYRANO – (avançando na direção dele) Está, sim. O que tem ele de mais? Alguma verruga na ponta? Alguma mosca pousada em cima? Algum fenômeno?

O IMPORTUNO – (recuando) Mas eu não estou olhando...

CYRANO – E por que não está olhando? Será que lhe desagrada a cor de minha pele? Ou talvez meu nariz... tenha forma obscena? Ou quem sabe o senhor o ache um pouco grande demais?

O IMPORTUNO – (balbuciando) Não, senhor, ao contrário... É até pequeno... Minúsculo!

CYRANO – Como? Resolveu expor-me ao ridículo? Pequeno, meu nariz?!

O IMPORTUNO – Ai!

CYRANO – (improvisando versos) Alto lá! Atenção ao meu nariz! Adunco¹³, sinuoso¹⁴, colossal¹⁵,

Muito me orgulha semelhante apêndice,

Pois de um homem com nariz grande entende-se Que é bom, polido, afável¹⁶, liberal,

Espirituoso e intrépido, tal qual Eu sou...

(Dá-lhe uma bofetada. O importuno sai correndo.)

DE GUICHE – (que desceu para a plateia com seu séquito) Este sujeito já está abusando!

VALVERT – (dando de ombros) É apenas um fanfarrão. DE

GUICHE – E ninguém se opõe?

VALVERT – Eu! (dirige-se a Cyrano) O senhor tem um nariz... um nariz... muito grande.

CYRANO – É mesmo.

(Valvert, amedrontado, apenas sorri)

É tudo o que tinha para me dizer?

(Valvert gagueja. Cyrano continua, improvisando versos.)

Isso é breve e não tem graça nenhuma, Poder-se-ia dizer tanto, em suma!...

... Variando o tom de voz, preste atenção:

AGRESSIVO: “Tamanho narigão, Se fosse meu, lhe apararia o topo!”

13. Adunco: recurvado, em foema de gancho.

14. Sinuoso: tortuoso.

15. Colossal: enorme.

16. Afável: cortês, agradável.

CORTÊS: “Ele vai mergulhar no copo Prefira um jarro para beber melhor.” DESCRITIVO: “É um rochedo! Não, maior! É um monte! Não, é o Novo Continente!” CURIOSO: “O que faz com tal recipiente? Serão tinteiro as suas fossas nasais?”

GRACIOSO: “Adora as aves matinais

A ponto de dar, bondoso e fagueiro¹⁷, Aos seus delicados pés um poleiro?” TRUCULENTO: “Se, como um aprendiz, A fumaça soltar pelo nariz,

Parecerá uma chaminé que arde.” PREVIDENTE: “A cabeça que se guarde! O peso pode dar-lhe um trambolhão!”

TERNO: “Ponha-lhe um toldo, um pavilhão, Senão, talvez a luz do sol empane-o.¹⁸” PEDANTE: “Só o monstro Aristofâneo¹⁹, ‘Hipoelefantocamelo’²⁰, afinal,

Teve tamanho apêndice nasal.”

CAVALHEIRO: “Isso é um gancho de mau gosto? Pendure um chapéu: ficará bem posto!” EMPOLADO: “Só um vento pampeiro

Poderá, nariz, constipar-te²¹ inteiro!” TRÁGICO: “É o Mar Vermelho quando sangra!” PASMADO: “Chamariz de bugiganga!” LÍRICO: “É a concha da deusa Afrodite?”

RESPEITOSO: “Um monumento, acredite!” RUDE: “Caramba! Isso é nariz de sobra:

Mais parece uma couve... ou uma abóbora.”

MILITAR: “Apontar! Cavalaria!”

17. Fagueiro: contente, satisfeito.

18. Empanar: escurecer.

19. Aristofâneo: relativo a Aristófanes, comediógrafo grego do século V a.C.

20. Hipoelefantocamelo: palavra criada para designar um monstro fabuloso, em parte cavalo, em parte elefante, em parte camelo.

21. Constipar: resfriar.

PRÁTICO: “Apostá-lo na loteria?” Vai ser a sorte grande, certamente.”

E, para encerrar com versos plangentes:²² “Nariz fatal, que aos traços do senhor Tolhe a harmonia. E cora de pudor!”

Eis, meu caro, o que diria, a contento, Se pudesse dispor de algum talento Ou conhecesse as finas letras, porém Logo se vê que talento não tem...

E letras, só as da palavra tolo!

Mas, se tivesse um pouco de miolo, Para dizer, perante este auditório, Um gracejo, tomando-me irrisório²³ – Mas não teria dito nem metade

De um verso – pois, para falar a verdade, De mim aceito uma pilhéria boa,

Mas não o aceitarei de outra pessoa.

DE GUICHE – (tentando afastar Valvert) Deixe disso, visconde. Vamos embora.

VALVERT – (indignado) Que audácia! Um roceiro que não tem nem luvas... com toda esta arrogância!

CYRANO – Minha elegância está na moral. Enfeitar-me não sei; mas nunca saio sem lavar minha honra.

VALVERT – Ridículo! Palhaço! Insolente! Bruto!

CYRANO – (tirando o chapéu e fazendo uma mesura) ... E eu, Cyrano Saviniano Hércules de Bergerac.

(Risadas.)

VALVERT – Seu... seu poeta!

CYRANO – Sim, poeta. E, durante o combate, vou compor uma balada em sua homenagem.

VALVERT – Balada?

22. Plangente: triste.

23. Irrisório: motivo de riso.

CYRANO – Não sabe o que vem a ser uma balada? É uma composição com três estrofes de oito versos e uma quadra final, com a dedicatória. E saiba que, no último verso, eu o tocarei com minha espada. (ergue a espada e declama) Balada composta no Paço de Borgonha por Cyrano de Bergerac em luta com um patife!

VALVERT – (furioso) E isso o que é? CYRANO – É o título. E agora, ao combate!

(A multidão disputa lugares para ver melhor. Nos camarotes, as mulheres ficam de pé.)

CYRANO – (vai dizendo e fazendo) Com graça o meu feltro²⁴ arrojo²⁵ E, lentamente e gentil,

Deste manto me despojo Desprendendo a espada hostil.

Tímido, porém com brio²⁶, Com destreza eu me desloco; E já o previno, imbecil,

Que ao fim da quadra eu o toco.

(Começam a bater-se com a espada.)

Mas a espada onde é que alojo? Será que no seu quadril?

Ou no peito, em que me enojo De ver a fita de anil?²⁷

Tilinta-me a espada febril, Gira a ponta como um floco... É na barriga servil

Que ao fim da quadra eu o toco.

24. Feltro: chapéu.

25. Arrojar: lançar.

26. Brio: valentia.

27. Fita de anil: fita azul (em francês: cordon bleu), símbolo da mais ilustre ordem de cavaleiros da França.

Preciso de rima em ojo:

Você me ataca incivil?²⁸ Lembra-me o grosseiro tojo!²⁹ Tac! Eu vejo o vosso ardil³⁰

E paro o bote, reptil;

Abro a linha, cubro o foco. Volte, rafeiro³¹, ao canil,

Que ao fim da quadra eu o toco.

(Solenemente declama a dedicatória.)

De vida resta-lhe um fio:

Todos os santos invoco!

Príncipe, adeus! (ferindo-o) Morte ao vil!

(Valvert cambaleia; Cyrano saúda.)

Ao fim da quadra eu o toco.

(Aplausos e aclamações de todas as partes do teatro. Flores e lenços chovem dos camarotes. Ragueneau e Le Bret dançam de alegria. Os amigos do visconde de Valvert amparam-no e levam-no.)

UM MOSQUETEIRO – (vivamente, para Cyrano) Permita-me cumpri- mentá-lo! Foi um belo combate. Eu também entendo um pouco de esgrima...

CYRANO – (para Cuigy) Quem é ele?

CUIGY – É D' Artagnan, um dos três mosqueteiros.

(Afasta-se.)

28. Incivil: não civil, grosseiro.

29. Tojo: tipo de arbusto espinhoso.

30. Ardil: artimanha.

31. Rafeiro: cão de guarda.

(O público começa a retirar-se.)

BELLEROSE – Agora vamos jantar. Depois, voltamos para ensaiar a peça de amanhã. Outra peça, é claro!

(Saem Bellerose e demais atores e músicos.)

LE BRET – (tomando Cyrano pelo braço) Vamos comemorar!

CYRANO – Eu, não!

LE BRET – Por quê?

CYRANO – (aflito) Porque... estou sem dinheiro.

LE BRET – Mas... e aquela bolsa cheia de moedas que você atirou ao palco?

CYRANO – Era a pensão que meu pai me enviara para o mês inteiro.

Veja você, durou só um dia!

A GARÇONETE – (que escutara a conversa por trás do balcão) Desculpe-me, senhor, mas... não suportaria vê-lo passando fome. O que deseja comer?

CYRANO – Agradeço imensamente, senhorita, e apesar de meu orgulho vou aceitar... um copo d'água, uma uva e meia porção de macarrão.

(A garçonete quer dar-lhe um cacho de uvas; ele recusa.)

Uma só, por favor!

A GARÇONETE – Não quer mais nada? CYRANO – Uma coisa: beijar sua mão.

(Beija-lhe a mão como se fosse de uma princesa.)

A GARÇONETE – (fazendo uma reverência) Obrigada, senhor. Boa noite.

(Sai.)

CENA 4

Bar do teatro.

Cyrano, Le Bret, depois a aia de Roxana.

CYRANO – (pegando o prato de macarrão) Jantar! (...o copo-
d'água)

Bebida! (...a uva) Fruta! (comendo) Que fome!

LE BRET – (rindo) Você é louco! Mas afinal, qual a razão secreta
do seu ódio a Montfleury?

CYRANO – Aquele barrigudo, além de gaguejar em cena, faz-se
passar por conquistador. Detesto-o desde o dia em que ousou
pousar seus olhos sobre... sobre aquela a quem adoro.

LE BRET – Quem?

CYRANO – A mais bela... doce... esplêndida... divina... LE BRET –
Madeleine Robin, sua prima!

CYRANO – Sim, amo Roxana.

LE BRET – Então você deve declarar-se a ela! Aproveite a
oportuni- dade, porque esta noite Roxana deve ter ficado
impressionada com você...

CYRANO – Olhe para mim, Le Bret... Como acha que me sinto
com esta protuberância em meu rosto? Como poderia me
aproximar de uma mulher? Às vezes me sinto tão solitário...

LE BRET – Você está chorando?

CYRANO – Isso nunca! Nunca permitirei que uma lágrima escorra sobre este nariz. As lágrimas são de uma beleza sublime, eu não as submeteria a esse ridículo...

(Entra a aia de Roxana.)

AIA – (para Cyrano) Minha senhora deseja falar-lhe com urgência. CYRANO – Comigo?!

AIA – Amanhã, após a missa matinal. Onde?

CYRANO – (emocionado) Na confeitaria de Ragueneau, que fica na rua de Saint-Honoré.

AIA – Às dez horas. Não falte!

(Sai.)

CENA 5

Ainda no bar do teatro.

Cyrano, Le Bret, depois Cuigy, Brissaille, Lignière e oficiais.

CYRANO – (eufórico, caindo nos braços de Le Bret) Um encontro!... Então ela sabe que eu vivo! De agora em diante nada mais me interessa!

LE BRET – Ao menos trate de estar mais tranquilo!

CYRANO – Ao contrário: se preciso for, estou pronto a enfrentar gigantes!

(Entram atores e músicos e, no fundo do palco, começam a ensaiar. Entram Cuigy, Brissaille e outros oficiais, trazendo Lignière completamente embriagado.)

CUIGY – Cyrano? Lignière o está procurando... CYRANO – O que há?

BRISSAILLE – Ele precisa de você... para voltar para casa.

CYRANO – Como assim?

LIGNIÈRE – (mostrando um bilhete amarrotado) Diz aqui... “cem homens.. na Porta de Nesle...” por causa da canção...

CYRANO – Cem homens!? (levantando-se) Lutarei contra todos, mas sozinho! (aos oficiais) Não quero ajuda de ninguém. Vocês ficarão apenas assistindo. .. de longe! (aos músicos) Comecem a tocar! Vamos todos à Porta de Nesle!

TODOS – Vamos!

(Saem todos em cortejo, ao som dos violinos, com Lignière cambaleando à frente.)

CAI O PANO

ATO II

O estabelecimento de Ragueneau, na rua Saint-Honoré. Primeiras horas da manhã. À esquerda vê-se um grande balcão, sobre o qual se apoiam vasos com grandes ramalhetes de flores. Ao lado, um grande fogão sobre o qual estão pendurados patos, gansos, faisões. À direita, em primeiro plano, vê-se uma porta. Em segundo plano vê-se uma escada, sob a qual muitos cozinheiros trabalham em grandes fornos onde giram espetos e fumegam pães, doces e assados. Por toda a parte, mesas e cadeiras.

Ragueneau está em uma das mesas, cercado de papéis, escrevendo.

CENA 1

Ragueneau, cozinheiros, Cyrano; depois, poetas.

CYRANO – (entrando) Que horas são?

RAGUENEAU – (cumprimentando) Bom dia, amigo! São nove horas. CYRANO – Ainda... Que tortura!

RAGUENEAU – Bravo! Eu vi a luta ontem. CYRANO – Qual?

RAGUENEAU – A do teatro...

CYRANO – (com indiferença) Ah, o duelo... RAGUENEAU – “Ao fim da quadra eu o toco!” Perfeito! CYRANO – Que horas?

RAGUENEAU – (esgrimando com um espeto) “Ao fim da quadra eu o toco!” Que rimas!

CYRANO – (ansioso) Que horas são? RAGUENEAU – Nove e cinco.

CYRANO – (sentando-se à mesa de Ragueneau e tomando uma folha de papel) Preciso de uma caneta.

RAGUENEAU – (oferecendo-lhe uma) Tome esta aqui, é de cisne. CYRANO – (iniciando a escrever) Escrever, dobrar, entregar-lhe e...

fugir! (para Ragueneau) A hora?

RAGUENEAU – Nove e dez.

CYRANO – (falando consigo mesmo) Essa carta de amor que eu faço a vida inteira...

(Enquanto Cyrano escreve, entram os poetas, que cumprimentam alegremente Ragueneau e sentam-se a uma mesa. Ragueneau começa a servir-lhes iguarias.)

PRIMEIRO POETA – (para Ragueneau) Você soube do combate espetacular de ontem à noite na Porta de Nesle?

CYRANO – (lendo para si mesmo) “Seus lábios...”

SEGUNDO POETA – (comendo) Um só valente pôs em fuga cem homens!

CYRANO – “Mas diante de sua beleza uma timidez profunda me impede...”

RAGUENEAU – E vocês sabem o nome desse herói? CYRANO – (distraidamente) Eu, não.

PRIMEIRO POETA – Um bravo, o autor dessa façanha!

CYRANO – “... de quem a ama...” (detém-se no momento de assinar e põe a carta no bolso) Para que assinar se eu mesmo a entregarei? (voltando-se a Ragueneau) Que horas são?

RAGUENEAU – Nove e quinze.

SEGUNDO POETA – Então, Ragueneau, o que tem escrito de novo?

(Cyrano, impaciente, faz um sinal para Ragueneau levar os poetas.)

RAGUENEAU – Venham que lhes mostrarei minhas novas receitas em verso!

(Saem os poetas atrás de Ragueneau, depois de terem lambido os pratos.)

Cyrano, Roxana, a aia.

CENA 2

(Roxana, com o rosto coberto, aparece por trás da vidraça.

Cyrano abre-lhe a porta ansiosamente.)

CYRANO – Entre! (para a aia, entregando-lhe um pacote de doces)

Espere aí fora, e volte somente quando acabar de comer!

(Fecha a porta e volta-se para Roxana.)

Dentre todos os instantes da vida, bendito seja este em que você me procurou para dizer...

ROXANA – (que tirara o véu de seu rosto) Antes de mais nada, para dizer muito obrigada. Pois aquele imbecil que você derrotou no teatro ontem, Valvert, é o tal com quem pretendem que eu me case contra vontade...

CYRANO – Que disparate! E saiba que lutei não por meu nariz, mas por seus belos olhos...

ROXANA – Bem, mas para revelar o verdadeiro motivo deste encontro, preciso ter a certeza de estar diante de um... de um quase irmão, que brincava comigo no parque, à beira do lago, quando éramos crianças...

CYRANO – Sim, todos os verões você costumava ir a Bergerac...

ROXANA – E você fazia tudo o que eu queria, lembra-se?

CYRANO – Era o tempo das ilusões! Naquela época, você usava saia curta e se chamava Madeleine...

ROXANA – Você me achava bonita?

CYRANO – Linda! Mas... enfim... que revelação você tem a fazer? ROXANA – Eu... devo confessar: estou amando.

CYRANO – Ah!...

ROXANA – Ele ainda não sabe... CYRANO – Ah!...

ROXANA – Mas logo saberá. CYRANO – Ah!...

ROXANA – Esse pobre rapaz até agora tem me amado de longe, timidamente...

CYRANO – Ah!...

ROXANA – Ele é cadete no seu regimento! CYRANO – Ah!...

ROXANA – É jovem, nobre, inteligente, espirituoso, belo!

CYRANO – (levantando-se) Belo!?

ROXANA – Sim, belíssimo! Por quê? CYRANO – Não... nada... é que...

ROXANA – Enfim, eu o amo. Nos vimos apenas no teatro, de relance.

Nunca conversamos.

CYRANO – Nunca?

ROXANA – Somente com os olhos. CYRANO – E como você sabe quem é ele?

ROXANA – Perguntei a algumas pessoas que o conhecem. Seu nome é Cristiano, barão de Neuville, ele é um cadete da Guarda.

CYRANO – Não pode ser! Não há ninguém com esse nome em meu regimento!

ROXANA – Ele deve se apresentar esta manhã à companhia do capitão Carbon de Castel-Jaloux.

CYRANO – Mas... e se ele for um ignorante, um tolo? ROXANA – Não! Tenho certeza de que ele é refinado! CYRANO – Mas... e se não for?

ROXANA – Eu morreria!...

CYRANO – E foi somente para dizer isso que você veio até aqui? Não vejo que relação eu possa ter com essa história...

ROXANA – Eu soube que no seu regimento todos os soldados são da Gasconha³² e que, se chega algum cadete que não seja gascão, fazem brincadeiras e provocações...

CYRANO – É verdade.

ROXANA – Por isso eu temo que...

CYRANO – Você teme que o seu jovem barão faça inimigos e quer que eu o proteja. É isso?

ROXANA – É... eu vi o quanto você foi valente no teatro...

32. Gasconha: região ao sul da França cujos habitantes têm fama de fanfarrões.

CYRANO – Está bem. Eu o protegerei. ROXANA – Promete?

CYRANO – Sim, prometo. ROXANA – E não haverá duelos?

CYRANO – Não.

ROXANA – Ah, como eu adoro você! (cobrindo-se novamente com o véu) Agora preciso ir. (manda-lhe um beijo com a ponta dos dedos) Já ia me esquecendo: peça para Cristiano me escrever! Ah!... E você acabou não me contando a luta desta madrugada! Eu soube que você sozinho venceu cem homens!

CYRANO – (saudando-a) Sim, sim... (falando consigo mesmo) O que eu fiz depois foi muito mais difícil...

(Roxana sai. Cyrano fica imóvel, olhando para o chão.)

CENA 3

Cyrano, Ragueneau, os poetas, Carbon de Castel-Jaloux, os cadetes, Le Bret, a multidão, depois, de Guiche, Cuigy e Brissaille.

(Ragueneau põe a cabeça na porta.)

RAGUENEAU – Podemos voltar? CYRANO – (imóvel) Sim.

(Ragueneau faz sinal aos seus amigos e estes entram. Ao mesmo tempo, chega Carbon de Castel-Jaloux, em traje de capitão dos guardas, fazendo grandes gestos ao avistar Cyrano.)

CARBON – Eis o nosso herói!

CYRANO – (erguendo a cabeça) Meu comandante!

CARBON – Já soubemos de tudo. Os cadetes estão aí fora, querem cumprimentá-lo e comemorar!

CYRANO – (recuando) Mas...

(Entram os cadetes fazendo grande festa e algazarra.)

CADETES – Cyrano! Cyrano!

(Entra Le Bret e dirige-se para Cyrano.)

LE BRET – Vem chegando uma multidão em delírio, de todos os cantos da cidade, para ver você!

CYRANO – Mas você não disse a eles onde estou, não é?.. LE BRET – Disse!

RAGUENEAU – É a glória! Nunca a confeitaria ficou tão cheia de gente!

CADETES – (dando-lhe a mão e abraçando-o) Cyrano! Cyrano!

LE BRET – (em voz baixa, ao ver que Cyrano parecia acabrunhado em meio à festa) E Roxana?

CYRANO – Quietos!

CADETES, POETAS, MULTIDÃO – Cyrano! Cyrano!

(Aparece de Guiche, seguido de oficiais. Cuigy e Brissaille, os oficiais que foram com Cyrano no fim do primeiro ato. Cuigy dirige-se apressado para Cyrano.)

CUIGY – (para Cyrano) Este é o conde de Guiche. Ele veio cumprimentá-lo pela extraordinária façanha.

DE GUICHE – Eu jamais acreditaria nesse feito, se estes senhores não o tivessem visto...

CUIGY – ...Com nossos próprios olhos!

LE BRET – (à parte, para Cyrano) Vejo que você está sofrendo...

CYRANO – Sofrendo? Nunca estive tão bem!

DE GUICHE – Mas você pertence ao regimento daqueles gascões malucos, não é mesmo?

CYRANO – Sim, pertenço. CADETES – Ele é um dos nossos!

DE GUICHE – (vendo os cadetes) Ah! Então são vocês os famosos...

CARBON – (interrompendo) Cyrano, já que nossa companhia está toda aqui, por que você não faz a gentileza de apresentá-la ao conde?

CYRANO – Pois não!

(Dá dois passos em direção a De Guiche e mostra-lhe seus companheiros)

Eis os cadetes da Gasconha Do comandante De Castel:

Parlapatões³³ sem ter vergonha, Eis os cadetes da Gasconha.

Águias de pernas de cegonha, Bigode mau, dente cruel,

Que a resmungar ninguém se ponha Junto aos cadetes da Gasconha.

Onde se dê luta medonha Acodem todos em tropel.³⁴ Qualquer nome que se lhes ponha São apelidos de mel.

Eis os cadetes da Gasconha Do comandante De Castel.

DE GUICHE – Muito bem, muito bem! Sua poesia é tão eficiente quanto sua espada. Gostaria de levar alguns de seus versos a meu tio, o cardeal Richelieu.

CYRANO – (tentado e um pouco deslumbrado) Seria uma honra... DE GUICHE – Meu tio é um grande apreciador e incentivador das artes.

Lembre-se de que foi ele o fundador da Academia Francesa... Além disso, ele próprio costuma fazer incursões³⁵ pelos campos da poesia! E é bem possível que ele queira emendar alguns de seus versos...

CYRANO – (cujo rosto se fechou imediatamente) Jamais eu aceitaria isso! Meu sangue se congela só de pensar que alguém possa mudar uma vírgula do que escrevo!

33. Parlapatão: fanfarrão.

34. Tropel: grande confusão, balbúrdia.

35. Incursão: entrada, invasão.

DE GUICHE – Mas ele paga muito bem. CYRANO – Jamais!

DE GUICHE – Você é muito orgulhoso. CYRANO – (irônico)
Realmente?

(Entra um cadete, trazendo vários chapéus de pluma amassados, enfiados em uma espada.)

CADETE – (rindo) Veja Cyrano, os despojos³⁶ que foram encontrados esta manhã junto ao cais!...

(Todos riem.)

CUIGY – Imaginem só como deve estar o sujeito que encomendou essa emboscada!

BRISSAILLE – Quem terá sido? DE GUICHE – Fui eu o mandante.

(Cessam as risadas.)

Isso mesmo. Fui eu quem contratou os homens para punir aquele cantorzinho bêbado.

CADETE – (para Cyrano, mostrando os chapéus) E o que fazemos com isso? Uma fritada?!

CYRANO – (pegando a espada e fazendo os chapéus escorregarem aos pés de de Guiche) O conde poderá devolvê-los aos seus camaradas.

DE GUICHE – (erguendo-se furioso e dirigindo-se para a porta) Você já leu Dom Quixote?

CYRANO – Tenho-o na memória.

DE GUICHE – Pois é um ótimo exemplo para quem se mete a enfrentar os poderosos...

(Sai De Guiche.)

36. Despojos: restos.

CENA 4

Cyrano, Ragueneau, Le Bret, Carbon, os cadetes; depois Cristiano.

RAGUENEAU – (rompendo o silêncio que se mantinha desde a saída de de Guiche) Todos à mesa! Vamos comemorar, pois nada pode estragar esta festa!

(Os criados começam a servir comida e bebida.)

LE BRET – (abraçando Cyrano) Mas, afinal, é por amor não correspon- dido que você está infeliz? Por que você não me confessa simplesmente que ela não o ama?

CYRANO – Cale a boca!

(Neste momento entra Cristiano, e caminha em direção aos cadetes; como ninguém lhe dá atenção, senta-se sozinho em uma mesa.)

UM CADETE – (interrompendo a conversa de Cyrano e Le Bret) Ei, Cyrano! Estamos esperando que você nos relate a luta de ontem!

CYRANO – Daqui a pouco.

CADETE – (caminhando e parando ao lado da mesa onde está Cris- tiano) Vamos, Cyrano! Sua história será uma lição para este aprendiz!

CRISTIANO – (erguendo a cabeça) Aprendiz?!

OUTRO CADETE – Você não nasceu nas províncias do norte?

CRISTIANO – Sim...

CADETE – Então, é bom que comece logo a aprender algumas coisinhas que se usam por aqui... Por exemplo, existe uma palavra que é tão proibida em nossa companhia quanto falar de corda em casa de enforcado.

CRISTIANO – E o que é?

CADETE – Olhe para mim... (passa o dedo indicador sobre o nariz)

Entendeu?

CRISTIANO – Ah, o na...

OUTRO CADETE – Nunca diga essa palavra! Senão, tem que se enten- der com aquele ali! (apontando Cyrano) Nomear essa cartilagem perto dele é cavar a própria sepultura.

OUTRO CADETE – É despedir-se da vida.

(Silêncio. Todos os cadetes, de braços cruzados, fitam Cristiano. Ele se levanta e dirige-se a Carbon de Castel-Jaloux, que estava no fundo da sala e fingia não perceber o que estava acontecendo.)

CRISTIANO – Comandante! CARBON – Sim?

CRISTIANO – O que se deve fazer ao encontrar um sulista insolente? CARBON – Provar que é possível ser nortista e corajoso.

(Volta-lhe as costas.)

CRISTIANO – Obrigado.

PRIMEIRO CADETE – (a Cyrano) E a história? CADETES – Vamos, Cyrano, conte!

(Cyrano, que estava afastado conversando com Le Bret, levanta-se; os cadetes agrupam-se em torno dele; Cristiano escracha-se em uma cadeira.)

CYRANO – Pois bem. Resolvi marchar sozinho contra eles. Era uma noite de luar, mas de repente o céu ficou nublado. E, como o cais não é muito bem iluminado, houve momentos em que se não enxergava um palmo adiante...

CRISTIANO – ... do nariz!

(Silêncio. Todos se erguem lentamente, olhando para Cyrano com pavor.)

CYRANO – Quem é esse sujeito?

UM CADETE – É o que chegou esta manhã.

CYRANO – (dando um passo para Cristiano) Esta manhã?

CARBON – Intitula-se barão de Neuville...

CYRANO – Ah!

(Empalidece, cora, faz um movimento para se lançar sobre Cristiano, mas se contém.)

Bem, eu estava dizendo que... que não se enxergava nada. E continuava caminhando, pensando comigo mesmo: esses desgraçados vão ver onde vieram meter...

CRISTIANO – ... o nariz!

CYRANO – ... o bedelho! E, ao dobrar uma esquina, topei com...

CRISTIANO – ... o nariz!

CYRANO – (com voz estrangulada) ... com o primeiro deles à minha frente! Imediatamente saquei...

CRISTIANO – ... o nariz!

CYRANO – (enxugando o suor da testa) ... a espada! E parti para cima dele. O imbecil tentou dar-me uma...

CRISTIANO – ... narigada!

CYRANO – ... mas eu o impedi. Então me defrontei... CRISTIANO – ... nariz com nariz!

CYRANO – ... cara a cara com o segundo homem que tentou dar-me um golpe certo...

CRISTIANO – ... no nariz!

CYRANO – Por mil trovões! Este sujeito está me irritando...

CRISTIANO – ... o nariz!

CYRANO – (explodindo) Basta! Saiam todos! Quero ter uma conversa a sós com este sujeito!

UM CADETE – É o despertar da fera!

(Todos saem correndo, apavorados. Cyrano e Cristiano encaram-se.)

CENA 5

Cyrano e Cristiano; depois, cadetes.

CYRANO – Dê-me um abraço! CRISTIANO – Mas...

CYRANO – Você é um homem valente! Isso me agrada.

CRISTIANO – Mas eu...

CYRANO – Vamos, dê-me um abraço. Eu sou irmão dela!

CRISTIANO – Não estou compreendendo... Irmão de quem?

CYRANO – De Roxana!

CRISTIANO – Você é irmão dela?! CYRANO – Bem, é como se fosse: sou primo. CRISTIANO – Então Roxana contou-lhe...

CYRANO – ... Tudo.

CRISTIANO – Ela me ama? CYRANO – Talvez.

CRISTIANO – (tomando-lhe as mãos) Mas que prazer em conhecê-lo! CYRANO – Isso é o que se chama um sentimento repentino...

CRISTIANO – Desculpe-me. Na verdade, eu o admiro muito.

CYRANO – E todos aqueles narizes que há pouco você me...

CRISTIANO – Eu os retiro.

CYRANO – Roxana está esperando uma carta sua esta noite.

CRISTIANO – Oh! Mas eu não sei...

CYRANO – Não sabe o quê?

CRISTIANO – Não sei escrever muito bem. Morreria de vergonha se ela descobrisse que não sou hábil com as palavras...

CYRANO – Mas você parecia bem hábil ao falar de meu nariz.

CRISTIANO – Na hora da briga é diferente! Tenho um certo espírito militar. Mas diante das mulheres... Sabe, eu sou daqueles que não sabem falar de amor. Ah, se eu pudesse me exprimir com delicadeza!...

CYRANO – (murmurando) Ah, se eu tivesse a sua aparência!...

CRISTIANO – Roxana é preciosa, e certamente ficará desapontada comigo.

CYRANO – (consigo mesmo, olhando para Cristiano) Ah, se eu tivesse um intérprete como este para exprimir o que vai pela minha alma!...

CRISTIANO – Falta-me eloquência.

CYRANO – (empolgado) Empresto-lhe a minha! Você está disposto a decorar algumas palavrinhas? Umas poucas palavras por dia...

CRISTIANO – Mas você está me propondo...

CYRANO – Isso mesmo. Roxana não terá nenhuma desilusão. Você vai ver que, com minhas frases em seus lábios, logo conquistará o amor e os beijos de Roxana.

CRISTIANO – Mas, Cyrano, por que você faria isso?

CYRANO – Por... (fingindo) para divertir-me! É uma experiência tentadora para um poeta. Você irá na frente; eu serei sua sombra. Eu serei seu espírito; e você, minha beleza.

CRISTIANO – E a carta que Roxana está esperando?

CYRANO – (tirando-a do bolso) Está aqui, prontinha. Pode enviá-la.

Só falta o endereço.

CRISTIANO – Mas não será preciso mudar algumas palavras? Será era que se encaixa...

CYRANO – ... Como uma luva! Nós, poetas, sempre temos cartas de amor bolso, prontas para qualquer eventualidade. Eu

creio no amor como algo etéreo, ideal, um sonho que pode ter qualquer nome. Roxana, por exemplo. Tenho certeza: ela acreditará que esta carta foi escrita especialmente para ela!

CRISTIANO – (abraçando-o) Ah, meu amigo!

(Reaproximam-se os cadetes.)

CADETES – (espiando através da porta e vendo os dois abraçados) Oh!

(Entram os cadetes e Carbon.)

CARBON – Será possível que nosso diabo não é mais aquele?

UM CADETE – Quer dizer que agora já se pode falar do seu nariz?

Então vamos lá: estou sentindo um cheiro de...

CYRANO – (dando-lhe uma bofetada) ... de nariz quebrado!

(Todos caem na risada. Cyrano ainda era o mesmo.) CAI O PANO

ATO III

Pequena praça num antigo bairro de Paris. Entre antigas casas vê-se, à direita, a casa de Roxana, com o muro do jardim carregado de folhagens. Acima da porta, uma janela com sacada. Pelo banco que há em frente à porta e pelas pedras salientes da parede pode-se facilmente subir até a janela, que está aberta. Defronte à casa de Roxana, há outra no mesmo estilo.

A aia está sentada no banco.

CENA 1

Aia, Roxana, Cyrano e dois músicos; depois, De Guiche.

AIA – Vamos, Roxana! Apresse-se, senão vai perder o sarau³⁷ na casa de Clomira!

ROXANA – (de dentro) Já vou!

(Ouve-se música, dos bastidores. Entra Cyrano cantarolando, seguido de dois músicos.)

CYRANO – (cantando) Vim saudar a rosa mais linda desse balcão florido!

ROXANA – (detrás da cortina) Uma serenata! (aparecendo) Ah, é você, Cyrano? Já vou descer.

CYRANO – (para os músicos) Está bem. Podem voltar ao teatro.
E tratem de desafinar para Montfleury!

(Músicos saem.)

37. Sarau: festa literária.

ROXANA – (saindo de casa) Ah, meu primo, como ele é lindo,
como é talentoso!

CYRANO – Você acha mesmo que Cristiano tem talento?

ROXANA – Mais do que você!

CYRANO – Acredito...

ROXANA – Ele é capaz de dizer as palavras mais doces e
irresistíveis! Bem, às vezes ele se distrai, acho que as musas o
abandonam... Mas, de repente, volta a dizer coisas
maravilhosas!

CYRANO – Ele sabe falar de amor?

ROXANA – Ele não fala, declama frases sublimes. CYRANO – E
também escreve?

ROXANA – Ainda melhor! Escute só o que me escreveu: “Quanto mais você me absorve o coração, mais ganho.”

CYRANO – (indiferente) Hum...

ROXANA – E mais: “Porém, como não posso sofrer sem coração, você deve mandar-me o seu.”

CYRANO – Às vezes ele tem coração demais, às vezes de menos.

Afinal, ele quer ou não quer um coração?

ROXANA – Ora, você está é com ciúmes... CYRANO – Eu?

ROXANA – Sim, por não haver escrito cartas tão belas! Ouça mais esta: “Se lhe mando beijos por escrito, você deveria ler minhas cartas com os lábios.”

CYRANO – (esforçando-se para conter sua satisfação) Um pouco fraquinho... Mas você decorou todas as cartas dele?

ROXANA – Do início ao fim.

(A aia, que havia saído, volta correndo.)

AIA – O conde de Guiche vem vindo! É melhor o senhor entrar. Acho que ele não gostaria de encontrá-lo aqui.

ROXANA – É verdade. Ele me ama e é poderoso; se descobrir meu segredo, poderá acabar com tudo.

CYRANO – (entrando na casa) Está bem, está bem.

(Aparece De Guiche.)

ROXANA – Eu estava de saída... vou à casa de Clomira.

DE GUICHE – E eu vim me despedir. Esta noite parto para a guerra contra a Espanha. Participarei da batalha de Arras, como coronel, comandando a companhia dos cadetes.

ROXANA – (empalidecendo) Dos cadetes?!

DE GUICHE – Sim, do regimento onde está seu primo. Irão marchar sob meu comando!

ROXANA – (desfalecendo) Oh!... (murmurando) Cristiano! DE GUICHE – O que houve?

ROXANA – É que... é muito arriscado ir para a guerra. Preocupo-me com o senhor.

DE GUICHE – (surpreso, iludido) Pela primeira vez demonstra-me afeto. Justo hoje, que vou partir...

ROXANA – O senhor tem intenção de vingar-se de Cyrano? DE GUICHE – (sorrindo) Sim.

ROXANA – Então, por que não o deixa aqui em Paris? DE GUICHE – Como?

ROXANA – Para um homem como Cyrano, com pretensões a valente, ir para a guerra é a glória. Se, ao contrário, seu regimento é obrigado a permanecer em Paris, ele é capaz de enlouquecer de raiva.

DE GUICHE – Ah, mulheres! Quem mais poderia ter uma ideia assim? ROXANA – Não há melhor vingança.

DE GUICHE – Vou pensar melhor no assunto. E levarei ao menos uma esperança de seu amor. Adeus!

(Sai De Guiche.)

ROXANA – (consigo mesma) Vai! Cristiano fica! (chamando em direção à casa) Cyrano!

(Voltam Cyrano e a aia.)

Está na hora de irmos à casa de Clomira, assistir à palestra sobre o tema “Ternura”. Aliás, já estamos atrasadas...

(Os três atravessam a praça e param em frente à casa de Clomira.)

Se vir Cristiano, diga-lhe para me esperar. Quero ouvi-lo dizer belas palavras esta noite.

CYRANO – E sobre que assunto você vai querer que ele fale?

ROXANA – Sobre coisas de amor. Que ele improvise, segundo o que sentir no coração. Até logo!

(Roxana e a aia entram na casa de Clomira; fecha-se a porta.)

CYRANO – (chamando para os bastidores) Cristiano!

CENA 2

Cyrano e Cristiano; Roxana e a aia; dois músicos, por um instante.

CYRANO – Ela quer vê-lo mais tarde. É uma oportunidade para cobrir- se de glória e arrebatá-la³⁸ de vez! Vamos juntos até sua casa. E prepare a memória, pois quero lhe ensinar coisas belíssimas para dizer a ela!

CRISTIANO – Não. CYRANO – Como?

CRISTIANO – Espero Roxana aqui. Estou farto de emprestar discursos e cartas! Foi bom no início, obrigado. Mas agora já sei que ela me ama. Quero parar de fingir e falar-lhe de improviso, com minhas próprias palavras. Afinal, não sou tão ignorante assim...

CYRANO – (irônico) Ora, ora, vamos ver!

(Abre-se a porta da casa de Clomira. Cyrano desaparece por trás do muro do jardim. Aparecem Roxana e a aia.)

ROXANA – (avistando Cristiano) Ah, é você?

(Os três caminham até a casa de Roxana; a aia entra.)

Está caindo a noite, sopra uma brisa fresca... Sentemo-nos aqui, quero ouvir você dizer algumas palavras.

38. Arrebatat: encantar, conquistar.

(Sentam-se no banco do jardim.)

CRISTIANO – Eu a amo.

ROXANA – Sim, fale-me de amor. CRISTIANO – Eu a amo!

ROXANA – Já sei. Agora por que não improvisa algo sobre este tema? CRISTIANO – Eu a amo tanto...

ROXANA – E depois? CRISTIANO – Eu a amo demais. ROXANA – Continue.

CRISTIANO – Queria tanto beijar seu pescoço! ROXANA – (levantando-se) Cristiano!

CRISTIANO – Não, não a amo...

ROXANA – (sentando-se novamente) Ao menos mudou um pouco. E então?

CRISTIANO – ... Eu a adoro!

ROXANA – (levantando-se de novo, secamente) Bem, vou para casa, enquanto você procura sua eloquência, que o abandonou... E só reapareça quando a encontrar!

CRISTIANO – Mas eu...

ROXANA – Já sei, você me ama. Até logo!

(Roxana entra em casa, batendo a porta.)

CRISTIANO – Mas eu...

CYRANO – (reaparecendo de trás do muro) Que sucesso, hein?!

CRISTIANO – Ah, meu amigo, você precisa me ajudar!

CYRANO – Assim, em um instante, você não vai poder decorar.
Eu avisei...

CRISTIANO – Eu quero morrer! CYRANO – Fale baixo!

CRISTIANO – Sim, quero morrer!

CYRANO – Bem, você não merece, mas... Vamos ver o que posso fazer... A noite está escura... Talvez...

CRISTIANO – Talvez?

CYRANO – Olhe. Eu me escondo aqui; você fica embaixo da sacada, para que ela o possa ver. Chame-a. Quando ela aparecer no balcão, eu vou falando baixinho e você repete minhas palavras.

(Reaparecem os dois músicos que fizeram a serenata com Cyrano.)

UM MÚSICO – Já acabamos de tocar para Montfleury.

CYRANO – Chegaram bem na hora em que eu precisava de vocês! Fiquem um em cada esquina e, se alguém se aproximar, toquem uma música.

OUTRO MÚSICO – Que música?

CYRANO – Se for mulher, uma melodia alegre; se for homem, triste.

E você, Cristiano, chame-a!

CRISTIANO – Roxana!

ROXANA – Quem é? CRISTIANO – Sou eu!

ROXANA – Eu, quem? CRISTIANO – Cristiano.

ROXANA – (com desdém) Ah, é você...

CRISTIANO – Quero falar-lhe.

(Afastam-se os músicos.)

(Roxana surge no balcão.)

ROXANA – Não! Você fala muito mal. Vá embora. Você não me ama. CRISTIANO – (repetindo Cyrano, que falava baixinho) Você me acusa... da falta de um amor... que aumenta cada vez mais!

ROXANA – (que ia fechar a janela, voltando) Que mudança!

CRISTIANO – (repetindo Cyrano) O amor cresce em meu peito... embalado... por um coração enamorado...

ROXANA – Muito melhor! Mas por que está falando tão devagar?

CYRANO – (puxando Cristiano para baixo do balcão e tomando seu lugar, disfarçando a voz) É que a noite está escura e minha voz tateia à sua procura...

ROXANA – Agora, sim, está perfeito! Pena que não possamos nos ver, Cristiano...

CYRANO – Aproveitemos esta oportunidade de falar sem nos vermos, adivinhando os vultos... Eu, uma sombra; você, um clarão!

ROXANA – Sublime...

CYRANO – Que palavras direi? Mas... todas, todas, todas As que me ocorram: vou, sem dispô-las num ramo, Lançá-las a esmo: adoro você! Eu amo!

Eu sufoco. E mais: desvaio, perco o juízo.

Seu nome no meu peito é o grânulo³⁹ de um guizo: Eu tremo, e esse tremor vibrante me atraiçoa,

Pois o guizo treme... e sempre o nome soa!

Tudo o que é seu me lembra: há quase um ano agora – Era a doze de maio –, ao despontar da aurora,

Havia algo qualquer tão lindo no cabelo,

Que, preso ao seu fulgor, não me fartei de vê-lo. Como acontece a alguém que fita o sol dourado E vê depois em tudo

um círculo encarnado:40 Mesmo sem ver o sol com que você me doura, Vejo, em tudo o que vejo, aquelas mechas louras.

ROXANA – Ah! Isso sim é amor! Você me enfeitiça!

CYRANO – E, para exprimir meu desejo, nada mais seria preciso que... CRISTIANO – ... Um beijo!

CYRANO – (a Cristiano, em voz baixa) Fique quieto! ROXANA – O quê?

CYRANO – Alguém se aproxima!

(Os músicos começam a tocar.)

(Roxana fecha a janela.)

Afinal, é homem ou mulher que vem aí?

39. Grânulo: pequeno grão, pequena esfera.

40. Encarnado: vermelho.

CENA 3

Cyrano, Cristiano, um capuchinho, Roxana.

(Entra um frade capuchinho, com uma lanterna na mão, observando as portas das casas.)

CYRANO – Um capuchinho! CRISTIANO – (a Cyrano) Ele nos estorva.

CYRANO – (ao frade) O que está procurando? O CAPUCHINHO – A casa de Madeleine Robin.

CYRANO – Vá sempre frente, até o final desta rua...

(O capuchinho afasta-se.)

CRISTIANO – Vamos lá! Ao beijo!

CYRANO – Não. Você está sendo muito precipitado.

CRISTIANO – Mais cedo ou mais tarde aconteceria...

(Roxana reaparece no balcão; Cristiano esconde-se.)

ROXANA – Você falava de um...

CYRANO – Beijo! O nome é doce demais e, portanto, Para o lábio hesitar, motivo é que não vejo.

Se ao nome ele se inflama, o que faria ao beijo? Não se deixe tomar de repentino susto;

Deixou o gracejo, pouco a pouco e sem custo; Deslizou logo após comover-se tanto

Do sorriso ao suspiro e do suspiro ao pranto; Basta-lhe deslizar dos olhos para a boca: Das lágrimas ao beijo a diferença é pouca.

Mas... somente um beijo? O que é que se não peça? Um voto que se faz mais perto; uma promessa Mais firme; uma expressão que a alma elabora; Um ponto rosáceo no lábio que se adora;

Segredo que se diz... na boca; uma centelha⁴¹ Do infinito, e que faz leve rumor de abelha; Comunhão que nos dá de pétalas o gosto; Modo de se aspirar o coração no rosto

E de provar-se, um pouco, à flor dos lábios, a alma.

ROXANA – Pois bem! Venha buscá-lo! CYRANO – (para Cristiano) Sobe!

(Cristiano sobe no banco do jardim e alcança a grade do balcão.)

CRISTIANO – Ah, Roxana!

(Beijam-se. Cyrano afasta-se; em seguida, finge chegar correndo de longe.)

CYRANO – Olá!

ROXANA – (assustada) Quem está aí?

CYRANO – Sou eu. Estava passando por aqui e resolvi parar.

CRISTIANO – Oh, Cyrano... Justamente agora?

(Os músicos recomeçam a tocar uma música alegre e outra triste. Reaparece o capuchinho.)

O CAPUCHINHO – É a senhorita Madeleine Robin? ROXANA – Sim.

O CAPUCHINHO – Trago uma carta. Da parte do conde de Guiche... ROXANA – (à luz de uma lanterna, lê em voz baixa, para si mesma) “Meu regimento parte em poucas horas, mas não irei sem antes

vê-la a sós e ainda uma vez tentar...”

(Roxana tem uma ideia, põe a carta diante dos olhos e começa a fingir que lê em voz alta para o capuchinho.)

41. Centelha: ponto luminoso, fagulha.

Ouçã o que escreve o conde: “Minha senhora, é preciso sujeitar- se às ordens do cardeal Richelieu. Ele determina que este santo capuchinho realize esta noite, em sua residência, o seu casamento com Cristiano de Neuville, que deve ser seu marido em segredo.”

O CAPUCHINHO – (hesitante) Mas...

ROXANA – E há uma observação: “Dê cento e vinte dobrões⁴² de ouro ao convento.”

O CAPUCHINHO – Mas que digno senhor! Eu sabia que me encar- regaria de uma nobre missão.

ROXANA – (sussurrando para Cyrano) Se o conde chegar, não permita que ele entre antes que se realize o casamento! (ao capuchinho) Vamos entrar.

(Roxana, Cristiano e o capuchinho entram em casa. Cyrano fica só.)

CENA 4

Cyrano, De Guiche; depois, Roxana, Cristiano e o capuchinho.

DE GUICHE – Que fim terá levado aquele capuchinho?

(De Guiche para na porta da casa de Roxana. Cyrano, que se ocultara no galho de uma árvore, joga-se ao chão e cai diante dele, ficando ali imóvel. De Guiche não

o reconhece e dá um pulo de susto.)

De onde terá caído este homem?

CYRANO – (disfarçando a voz para não ser reconhecido) Da Lua! DE GUICHE – De onde?..

CYRANO – Que horas são? Que mundo é este? Em que país estou?

Que dia é hoje? Em que estação estamos?

DE GUICHE – Mas... é um louco? CYRANO – Estou aturdido! Eu caí da Lua!

DE GUICHE – Sei, sei... da Lua. Mas deixe-me passar.

CYRANO – Talvez tenham se passado séculos, talvez apenas alguns segundos, desde que parti daquela bola prateada. Não sei por quanto tempo andei pelo espaço...

DE GUICHE – Está bem, amigo, eu acredito em você. Agora, deixe-me passar.

CYRANO – Mas, onde estou? Não vai dizer-me, por favor?

Fale sério, fale! Dos mundos em que ponto Vim cair qual se fosse um meteoro tonto? Quando caí não fiz escolha do lugar

Do meu destino: assim, não sei onde vim dar. Foi na Terra mesmo, ou noutra qualquer planeta? Só sei que esta queda me fez fazer careta...

DE GUICHE – (impaciente) Agora, por favor...

CYRANO – Desculpe-me: cheguei, assim, sem muito zelo,⁴³ Sujo do éter⁴⁴ estou. Nos olhos sinto o peso

Do pó dos astros-d'ouro. E nas esporas, preso, Um cometa
deixou-me um pouco do seu pelo!

DE GUICHE – (fora de si) Senhor!

(No momento em que De Guiche vai passar, Cyrano estende a
perna à sua frente, como se quisesse mostrar alguma coisa.)

CYRANO – AUrsa Maior ferrou-me aqui um dente Na barriga da
perna. E próximo ao Tridente, Como eu quis evitar ferir-me nas
três lanças, Desviei-me... e caí sentado na Balança,

Cujo fiel⁴⁵, nos céus, meu peso agora diz!

DE GUICHE – É um demente...

CYRANO – (com voz normal) Muito bem! Já se passou bastante
tempo.

Pode passar, senhor.

43. Zelo: cuidado.

44. Éter: céu.

45. Fiel: ponteiro indicador em uma balança.

DE GUICHE – Não é possível! Essa voz... esse nariz... Cyrano de
Bergerac!

CYRANO – (em tom indiferente) A esta altura o casamento já
deve ter sido realizado.

DE GUICHE – Como?!

(De Guiche volta-se para a porta. Aparecem Roxana e Cristiano, de mãos dadas. O capuchinho vem atrás deles, sorrindo.)

O CAPUCHINHO – O senhor me fez unir um lindo casal!

DE GUICHE – (para Roxana) Pode despedir-se de seu marido.

ROXANA – Por quê?

DE GUICHE – (lançando um olhar vingativo para Cristiano e Cyrano) Os senhores devem juntar-se imediatamente ao regimento, que partirá em uma hora.

ROXANA – O senhor me dissera que os cadetes não iriam... DE

GUICHE – Mas agora irão!

ROXANA – (lançando-se aos braços de Cristiano) Cristiano!

CRISTIANO – Roxana! Um beijo mais! (beijam-se)

ROXANA – (para Cyrano) Você me promete que fará tudo para que ele não corra perigo algum?

CYRANO – Vou tentar... Mas, numa guerra, isto eu não posso prometer. ROXANA – Não deixe que ele sinta frio...

CYRANO – Farei o possível...

ROXANA – E lembre-se que ele deve ser-me fiel! CYRANO – Isto eu também não posso garantir... ROXANA – E peça para que ele me escreva sempre! CYRANO – Ah! Isto, sim, eu posso prometer!

(Seguindo o conde, todos se afastam. Roxana permanece imóvel, com o olhar cheio de lágrimas.)

CAI O PANO

ATO IV

O acampamento da companhia do comandante Carbon de Castel- Jaloux nas proximidades de Arras. Ao fundo, vê-se a trincheira; mais ao longe, os muros da cidade e o horizonte ao amanhecer. Barracas, armas espalhadas, tambores, fogueiras. Envolto nos capotes, os cadetes da Gasconha dormem. Somente Le Bret, Carbon e as sentinelas fazem vigília. Todos estão pálidos e desfigurados. No primeiro plano da cena, Cristiano de Neuville dorme. Silêncio.

CENA 1

Carbon, Le Bret, Cyrano, cadetes, oficiais.

(Carbon e Le Bret conversam baixinho; ouve-se um tiro ao longe.)

UMA SENTINELA - (de fora) Quem vem lá?

CYRANO - Cyrano de Bergerac! (fazendo um sinal para não acordar os outros) Psiu!

LE BRET - Você está ferido?

CYRANO - Não. Os espanhóis tentam, mas não conseguem me acertar! LE BRET - Você está se arriscando demais ao cruzar as

linhas inimigas todos os dias somente para levar uma carta ao posto do correio...

CYRANO – (olhando para Cristiano, que dorme) Mas eu jurei a Roxana que ele lhe escreveria todos os dias...

LE BRET – Vá dormir um pouco. Após correr tamanho risco você precisa descansar.

CYRANO – Pois saiba que o risco não é assim tão grande. Onde cruzo as linhas inimigas, os espanhóis estão sempre bêbados.

LE BRET – Então, por que você não nos traz um pouco das provisões deles? Estamos passando fome há dias...

CYRANO – Parece que eles têm apenas bebida.

CARBON – Não é uma situação absurda? Acuar o inimigo e morrer de fome...

LE BRET – Sim, é muito original: nós cercamos Arras e, atrás de nós, vem o Infante de Castela e nos cerca.

CYRANO – Se alguém cercar o Infante de Castela será divertido! LE BRET – Não façamos brincadeiras.

CYRANO – (retirando-se) Com licença. LE BRET – Aonde você vai?

CYRANO – Vou até minha barraca escrever uma carta...

(Cyrano sai. O dia amanhece. Os cadetes começam a acordar.)

UM CADETE – (sentando-se) Que fome! OUTRO – Estou morrendo de fome!

TODOS – Ai!

CARBON – Todos de pé!

OUTRO CADETE – Não posso nem me mexer. CARBON – (a um cadete) Vá chamar Cyrano.

UMA SENTINELA – Os que saíram à noite para caçar trouxeram apenas um pardal e um peixe. ..

CYRANO – (entrando) Hein?

CARBON – (a Cyrano) Só você pode fazer algo por nós: tente distrair os rapazes com seu humor e sua poesia.

CYRANO – (dirigindo-se a um velho sargento) Bertrاندou, por que não toca um pouco de pífaro?⁴⁶

(O velho Bertrاندou tira o pífaro de uma sacola e começa a tocar uma melodia do sul.)

CADETES – Temos fome!

CYRANO – Escutem, meus gascões! Não é, sob os seus dedos, O pífaro da guerra, é a flauta dos folguedos!⁴⁷

A trompa⁴⁸ já não é de intrépidos guerreiros:

46. Pífaro: instrumento de sopro militar.

47. Folgado: festejo, divertimento.

48. Trompa: instrumento de sopro.

É a flauta do pastor, canção de companheiros. Escutem! É a floresta, o bosque, o leve vento E, sob a música alegre, o passar do tempo...

É a doce amenidade! A noite em que se sonha! Escutem, meus gascões! É a terra de Gasconha!

(Os cadetes, cabisbaixos, enxugam suas lágrimas com as mangas dos capotes.)

CARBON – (a Cyrano) Mas assim você os faz chorar!

CYRANO – Faço-os chorar de saudade de sua terra, e não de fome. A dor desapareceu do estômago e foi ao coração...

CARBON – Espero que a coragem também não tenha desaparecido. CYRANO – Claro que não. Quer ver?

(Cyrano, sem que os outros percebam, faz sinal a um deles para tocar o tambor. O tambor rufa, todos os cadetes correm para pegar suas armas.)

CADETES – O que há?

CYRANO – Nada! (a Carbon) Viu? A tristeza sumiu de repente... e voltou a coragem!

UM CADETE – Vem vindo aí o senhor de Guiche.

TODOS OS CADETES – (resmungando com desprezo) Hum...

OUTRO CADETE – Ele usa a armadura de ferro sobre uma camisa de renda... Vejam se isso é roupa de soldado!

LE BRET – Ele está pálido. Deve estar com tanta fome como nós.

CYRANO – (vivamente) Disfarçemos a fome! Ele precisa saber que aqui não há nenhum fraco.

(Os cadetes começam a fingir que conversam, jogam cartas e fumam, satisfeitos. Cyrano tira um livro do bolso e começa a ler, andando de um lado para o outro. Entra De Guiche.)

CENA 2

Os mesmos, De Guiche.

DE GUICHE – (para Carbon) Esses seus homens são uns rebeldes, uns fanfarrões. Estão sempre debochando de mim. (dirigindo-se aos cadetes) Pois deveriam se orgulhar do comandante que têm! Vocês não sabem com que bravura eu ontem conduzi uma tropa, nos campos de Bapaume. Fizemos três cargas⁴⁹ seguidas contra os inimigos: meus soldados passaram por eles como uma avalanche.

CYRANO – (sem erguer os olhos do livro) E a sua faixa branca, co-ronel?

DE GUICHE – Ah, você está sabendo deste detalhe?! Foi quando eu fazia um circuito a cavalo, tentando reunir meus homens para a terceira investida. De repente, achei-me bem no meio da ala inimiga. Tive então uma ideia: disfarçadamente, deixei cair a faixa branca que indica o meu posto de comando. Só assim pude fugir sem que ninguém percebesse, para depois juntar-me à tropa e desfechar a última carga, arrasando os espanhóis. O que acham?

CYRANO – Acho que Henrique IV jamais se livraria de seu penacho branco.

(Os cadetes escondem o riso e fingem continuar a jogar cartas e fumar.)

DE GUICHE – Mas meu ardil⁵⁰ funcionou, porque me pôs a salvo.

CYRANO – Sim, mas... e a honra de servir de alvo aos inimigos? Se eu estivesse lá, pegaria a sua faixa e a prenderia em minha cintura. Aliás, se quiser emprestá-la a mim, farei hoje à tarde uma investida contra o inimigo, ostentando-a...

DE GUICHE – Isso é fanfarronice de gascão. Você bem sabe que a faixa ficou lá, na outra margem do rio, num terreno crivado⁵¹ de balas.

49. Carga: investida, ataque.

50. Ardil: astúcia, estratégia.

51. Crivado: cravejado, furado.

CYRANO – (tirando a faixa do bolso e mostrando-a ao conde)
Pois aqui está ela!

(Silêncio. Os cadetes abafam o riso. De Guiche fita-os severamente. Eles continuam a fingir que estão distraídos.)

DE GUICHE – (tomando-a de Cyrano) Obrigado. Tomarei imediatamente uma providência, pois já não tenho razões para estar indeciso.

(De Guiche sobe a uma elevação e acena diversas vezes com a faixa branca em direção às linhas inimigas.)

UMA SENTINELA – (do alto de uma trincheira) Há alguém escapando por ali! Alto lá!

DE GUICHE – É um espião espanhol que está prestando auxílio a nós... Eu passo a ele informações falsas, para que as transmita aos castelhanos.

CYRANO – Um traidor!

DE GUICHE – Mas muito útil a nós. A propósito, na noite passada, o general partiu em segredo para Dourlens em busca de provisões, levando consigo a maior parte das tropas, por segurança. E agora o nosso exército está reduzido à metade.

CARBON – Felizmente os espanhóis não sabem disso!

DE GUICHE – Pois sabem. E estão prontos para nos atacar.

CARBON – Mas como?

DE GUICHE – Soube-o por meio do espião. Mas lhe disse que eu mesmo indicaria o lugar do ataque, e ele convenceria o inimigo a atacar no lugar indicado. Foi o que acabei de fazer...

CARBON – (aos cadetes) Atenção! Preparar para o combate!

DE GUICHE – O ataque será daqui a uma hora.

(Os cadetes suspiraram de alívio e continuaram a jogar.)

Os cadetes devem sustentar a luta até o retomo do general, quando poderemos reorganizar as tropas para o ataque final.

CARBON – Mas o senhor quer que todos morram? É uma vingança fria?

DE GUICHE – Digamos que eu não os escolheria para essa batalha se fossem os meus preferidos. Porém, como são muito valentes, ao escolhê-los sirvo ao mesmo tempo ao rei e ao meu rancor.

(De Guiche afasta-se. Carbon, ao fundo, começa a distribuir ordens. Cyrano dirige-se para Cristiano, que estava triste em um canto, de braços cruzados.)

CYRANO – O que há?

CRISTIANO – Ah, Roxana!... Talvez hoje seja o fim. Se eu pudesse exprimir numa carta a tristeza que estou sentindo...

CYRANO – (tirando um papel do bolso e entregando-o a Cristiano)

Pois eu tenho pronta essa carta.

(Cristiano lê.)

CRISTIANO – O que é isto aqui? CYRANO – Hein?

CRISTIANO – Esta mancha. Parece uma lágrima...

CYRANO – Ah, sim... Achei que uma lágrima deixaria a carta mais convincente, já que o assunto era tristeza.

CRISTIANO – Você chorou?

CYRANO – (gaguejando) Bem... enchi os olhos... apenas isso... porque afinal... morrer... não importa... mas... deixar de ver Roxana...

(Ouvem-se tiros.)

UMA SENTINELA – Alto! Quem vem lá!

(Todos precipitam-se para ver. Uma carruagem aproxima-se.)

OUTRA SENTINELA – (de longe) O cocheiro informou que está a serviço do rei!

(A carruagem entra e para. As cortinas estão fechadas. Dois soldados abrem a porta.)

CRISTIANO – Roxana!

(Roxana salta da carruagem. Estupefação geral.)

CENA 3

Os mesmos, Roxana.

DE GUICHE – A senhora, da parte do rei? ROXANA – Sim, do rei Amor.

CRISTIANO – (correndo para ela) Roxana!

(Cyrano esfrega os olhos, não acreditando no que vê.)

ROXANA – (finalmente reparando em Cyrano) Olá, primo! Eu não sabia que Arras era assim tão longe...

DE GUICHE – A senhora não pode ficar aqui! O inimigo em breve irá atacar.

ROXANA – Posso ao menos sentar-me um pouco?

(Um soldado traz-lhe um tambor; Roxana senta-se.)

Os espanhóis atiraram em minha carruagem!

CYRANO – (aproximando-se) Como chegou até aqui?

ROXANA – Foi fácil. Bastou seguir a devastação causada pela guerra... Ah, quanta coisa horrível! Só vendo para acreditar. Se é isso o que lhes exige o seu rei, prefiro seguir as ordens do meu.

CYRANO – Mas por onde você passou?

ROXANA – Ora, por entre os espanhóis. Simplesmente fui passando com minha carruagem. E, se algum fidalgo se punha em minha frente, eu apenas lhe dava um belo sorriso da janela. Que me desculpem os franceses, mas achei os castelhanos uns perfeitos cavalheiros. Quando me perguntavam para onde ia, eu lhes respondia: “Vou ver meu amante.” E logo me deixavam passar. (para Cristiano) Desculpe por ter mentido, mas aposto que, se eu tivesse dito “meu marido”, não teriam deixado que eu prosseguisse.

DE GUICHE – A senhora tem que sair daqui imediatamente. Em menos de uma hora os espanhóis atacarão.

ROXANA – Não irei! (lançando-se nos braços de Cristiano) Se preciso for, morrerei junto com você!

CYRANO – A “preciosa” está se mostrando uma heroína!

ROXANA – Afinal, sou sua prima, senhor Cyrano de Bergerac. Além disso, eu trouxe um chapéu que parece apropriado para a ocasião.

DE GUICHE – (desesperado) Este local é muito perigoso!

CYRANO – Tanto que o escolheu para nós!

ROXANA – (a de Guiche) O senhor?! Então quer mesmo ver-me viúva?

DE GUICHE – Oh, eu juro que...

ROXANA – Agora entendo tudo. Não vai restar soldado vivo aqui, não é? Aliás, não está na hora de o senhor se retirar? Assim, a batalha poderá começar...

DE GUICHE – Bem, eu tenho mesmo de inspecionar os canhões, mas voltarei. Pense bem, senhora!

(Sai De Guiche.)

CENA 4

Os mesmos, menos De Guiche.

CRISTIANO – (suplicante) Roxana, por favor!... ROXANA – Nada me fará ir embora daqui.

CARBON – (aproximando-se) Senhora, permita que eu lhe apresente meus cadetes.

ROXANA – Disseram-se que são todos nobres. CARBON – Sim. Experimente deixar cair seu lenço.

(Roxana deixa o lenço cair no chão. Todos os cadetes fazem menção de apanhá-lo, mas Carbon se adianta e o pega.)

De agora em diante, este será o nosso estandarte: o mais brilhante que jamais tremulou sobre nossas tendas.

ROXANA – (sorrindo) É tão pequenino...

CARBON – (atando o lenço à ponta de uma lança) Mas é de renda!

ROXANA – Que tal fazermos um lanche? Este ar do campo me dá vontade de comer tortas, carnes frias, vinhos...

UM CADETE – Mas onde arranharemos tudo isso?

ROXANA – Na minha carruagem! (dirigindo-se ao cocheiro) O que temos aí para estes bravos cavalheiros?

(Os cadetes aproximam-se da carruagem. O cocheiro, que até então permanecera de cabeça baixa, ergue o chapéu.)

CADETES – (eufóricos) Ragueneau!

RAGUENEAU – Meus senhores! Que tal um pequeno banquete?

(Aplausos. Ragueneau começa a tirar da carruagem travessas com presuntos, tortas, queijos, assados e doces, garrafas de vinho branco, vinho tinto e champanhe.)

CADETES – Viva Ragueneau!

(Estendem uma toalha no chão e começam a comer alegremente.)

RAGUENEAU – Absortos em ver passar a beleza, os inimigos não viram passar as iguarias!

CADETES – Bravo! Bravo!

UM CADETE – De Guiche vem vindo aí!

CYRANO – Vamos esconder tudo! Disfarcem! (a Ragueneau)
Volte a ser cocheiro!

(Rapidamente escondem toda a comida. Entra De Guiche.)

CENA 5

Os mesmos, De Guiche.

DE GUICHE – Hum, que cheiro bom!... Vocês todos estão com ótima aparência... O que está acontecendo aqui?

(Todos permanecem em silêncio.)

UM CADETE – Nada!...

DE GUICHE – (ainda sem compreender o que estava acontecendo, dirige-se a Roxana) E então, a senhora resolveu partir?

ROXANA – Não!

DE GUICHE – Assim sendo, eu também ficarei. Jamais deixaria uma dama em perigo.

CYRANO – Finalmente, um ato de bravura!

OUTRO CADETE – (ao primeiro) Até que ele mereceria participar do nosso banquete!

CADETES – Sim!

DE GUICHE – Eu, aceitar restos? Jamais! Combaterei em jejum!

(As iguarias reaparecem como por encanto, e todos põem-se a comer. Enquanto isso, Cyrano chama Cristiano a um canto.)

CYRANO – Devo dizer-lhe algo. CRISTIANO – Sim?

CYRANO – Se por ventura Roxana lhe falar sobre algumas cartas... CRISTIANO – Que cartas?

CYRANO – Bem... Você tem de compreender... Você escreveu a ela mais cartas do que possa imaginar...

CRISTIANO – Ah, é mesmo? E quantas cartas eu lhe escrevi?

CYRANO – Não me lembro...

CRISTIANO – Mas quantas por semana? Três? Quatro?

CYRANO – Um pouquinho mais...

CRISTIANO – Todos os dias?

CYRANO – Algumas vezes, ela recebeu mais de uma carta ao dia...

CRISTIANO – E você arriscou sua vida todas essas vezes somente para...

CYRANO – Silêncio! Ela vem vindo aí!

(Cyrano afasta-se para junto dos cadetes. Roxana corre para Cristiano.)

CRISTIANO – (tomando as mãos da esposa) Agora quero saber porque você se arriscou tanto para vir até aqui.

ROXANA – Por causa de suas cartas, meu amor. Oh, tantas num único mês! E uma mais bela que a outra!

CRISTIANO – Ora, por umas simples cartas de amor...

ROXANA – Na verdade, eu já o adorava desde a noite em que você apareceu em meu jardim, falando-me de amor com uma voz diferente... Mas, depois, aquelas cartas! Era como se ouvisse a sua voz, renovando o amor que me jurou naquela noite tão esplêndida. Eu as lia e relia, e apesar da distância era como se cada folha me trouxesse o perfume de sua alma... E aqui estou eu para lhe pedir perdão por minha frivolidade: antes, eu o amava somente por sua aparência, mas, depois, passei a amar principalmente o seu espírito!

CRISTIANO – E agora?

ROXANA – Agora, meu amor, minha alma ama somente a sua alma! CRISTIANO – (desapontado) Ah, Roxana!

ROXANA – Você não acredita em mim? Duvida deste amor?

CRISTIANO – Não quero ser amado apenas pelo que escrevo, mas por aquilo que...

ROXANA – Aquilo que todas as outras mulheres veem em você? Não, eu vejo muito mais.

CRISTIANO – Creio que antes era melhor!

ROXANA – Você não me compreende... O que sinto agora é verdadeiro amor! Eu o amaria mesmo que você perdesse toda a beleza física...

CRISTIANO – Não diga isso!

ROXANA – Digo! Mesmo que você fosse feio, horroroso.

CRISTIANO – Meu Deus!

ROXANA – Está contente?

CRISTIANO – Sim... Espere um momento, alguém está me chamando. Enquanto isso, converse um pouco com os cadetes. Daqui a pouco, coitados, irão enfrentar uma luta de morte!

(Cristiano vai procurar Cyrano. Roxana afasta-se, conversando com Carbon e alguns cadetes.)

CRISTIANO – (aflito) Cyrano!

CYRANO – Como você está pálido! O que houve? CRISTIANO –
Deixei de ser amado!

CYRANO – Como?

CRISTIANO – Isso mesmo. Todo o amor de Roxana pertence a
você: ela acabou de confessar que é minha alma que a seduz...
E eu sei... eu sei que você também a ama.

CYRANO – Eu?

CRISTIANO – Não adianta negar.

CYRANO – Bem, é verdade. Eu a amo loucamente. CRISTIANO
– Então, você deve dizê-lo a ela.

CYRANO – Nunca! CRISTIANO – Por quê?

CYRANO – Olhe para minhas feições...

CRISTIANO – Pois ela disse que me amaria mesmo que eu
fosse feio, horroroso.

CYRANO – (sorrindo) Nunca pensei que isso pudesse acontecer.
(tornando a ficar sério) Mas não se pode acreditar em tudo o
que ela diz.

CRISTIANO – Vamos contar-lhe tudo, e ela decidirá entre nós
dois. Não quero mais sentir-me eu mesmo o meu rival. O
casamento já não vale mais nada. Se for preciso, anula-se. Vá
até ela e confesse tudo. Enquanto isso, vou até a linha de frente
ver o que está acontecendo.

CYRANO – Oh!

CRISTIANO – Roxana! Cyrano quer dizer-lhe uma coisa importante...

(Roxana dirige-se para Cyrano. Cristiano sai.)

CENA 6

Cyrano, Roxana. Depois, Le Bret, Carbon e cadetes.

ROXANA – O que é, Cyrano?

CYRANO – Nada de importante, não se preocupe.

ROXANA – Já sei: Cristiano não acreditou em meu amor! Eu percebi que ele não estava confiando em mim.

CYRANO – E você lhe disse a verdade?

ROXANA – Sim. Eu o amaria mesmo se... (hesita) mesmo se ele fosse... CYRANO – Pode falar! Mesmo se fosse feio, horroroso, grotesco?

ROXANA – Sim. Eu o amo com minha alma. Nada poderia fazê-lo grotesco.

CYRANO – (exultante) Então é verdade! Ouça, Roxana, eu...

(Entra correndo Le Bret e diz algo no ouvido de Cyrano.)

CYRANO – Oh!

ROXANA – O que aconteceu?

CYRANO – Nada. (consigo mesmo) Acabou-se! Jamais lhe direi!

ROXANA – Bem, então continue o que estava dizendo.

CYRANO – Eu ia dizer que Cristiano, com sua alma grande, tinha... quer dizer, tem... sentimentos muito nobres...

ROXANA – Tinha?!

(Entram soldados carregando um corpo.)

CYRANO – Tudo se acabou!

ROXANA – (vendo Cristiano estendido no chão) Cristiano!

CRISTIANO – Roxana!

CYRANO – (ao ouvido de Cristiano moribundo, enquanto Roxana limpa com seu vestido ferimentos no corpo do marido)
Eu disse tudo a ela. É a você que ela prefere!

(Cristiano fecha os olhos. Roxana, chorando, beija-o ternamente. O tumulto da batalha está cada vez mais próximo.)

ROXANA – (encontrando um papel no bolso do marido) Uma carta!

E é para mim!

(Um toque de trombetas convoca os cadetes à batalha.)

CYRANO – Vingarei a morte de Cristiano! Adeus, Roxana!

(Roxana desmaia. Os soldados enfileirados lançam-se à luta.)

CAI O PANO

ATO V

Quinze anos depois, em 1655.

Jardim do Convento das Damas da Cruz, em Paris.

Sombra de grandes árvores. A esquerda, vê-se o edifício do convento. À direita, ao fundo, vê-se uma capela. É outono e as folhas das árvores amarelecem e caem sobre a relva fresca. Sobre um banco de pedra vê-se um grande bastidor de bordar e uma cestinha com novelos de lã.

Algumas religiosas estão passeando no jardim.

CENA1

Roxana, duque de Grammont (ex-conde de Guiche); depois, Le Bret e Ragueneau.

(Roxana, vestida de luto, caminha no jardim ao lado de de Guiche, já grisalho mas imponente.)

DUQUE – Continuará a viver reclusa⁵² para sempre, Roxana?

ROXANA – Sim.

DUQUE – Jamais mudará de ideia? ROXANA – Jamais.

DUQUE – Você ainda ama Cristiano, mesmo depois morto?

ROXANA – Amo-o profundamente. Ele vive em meus sonhos e faz meu coração bater.

DUQUE – (após um instante de silêncio) Cyrano ainda vem aqui?

ROXANA – Todos os sábados, regularmente à mesma hora, eu escuto seus passos e sua bengala que se aproximam. Então, enquanto bordo, ele se senta a meu lado debaixo daquela árvore, fala, conta- me as notícias da semana, ri do meu eterno bordado...

DUQUE – Vem chegando uma outra visita para você.

(Aproxima-se Le Bret.)

52. Recluso: que vive em clausura ou convento isolado.

ROXANA – Le Bret! Como vai Cyrano? LE BRET – Mal.

DUQUE – Mal?

LE BRET – Exatamente como eu previa: a miséria, a fome, o desespero. Cada novo poema de Cyrano serve apenas para arranjar-lhe novos inimigos. Ele investe contra os falsos nobres, os falsos crentes, os falsos intelectuais, os falsos valentes... enfim, contra todo o mundo.

ROXANA – Mas ninguém terá a coragem de enfrentá-lo!

DUQUE – (fazendo um gesto com a cabeça) Ninguém?...

LE BRET – Na verdade, além das agressões pessoais, existem outras ameaças para Cyrano, como a solidão e o frio do

inverno que se aproxima... Cyrano está cada dia mais magro. Tem apenas um único traje. E aquele pobre nariz enorme está ficando com uma cor de marfim velho...

DUQUE – Mas, também, ele fez tudo para acabar desse jeito...

LE BRET – (com um sorriso amargo) Senhor duque!

DUQUE – Bem, tenho que ir. (saudando Roxana) Adeus. (para Le Bret, em voz baixa) Disseram-me que ele está arriscado a sofrer um “falso acidente”... Que tenha prudência!

(O duque afasta-se. Uma religiosa aproxima-se de Roxana.)

A RELIGIOSA – Senhora, o senhor Ragueneau está aqui e quer falar- Ihes.

ROXANA – Ragueneau? Que surpresa! Por favor, mande-o entrar, irmã. (a Le Bret) Certamente, Ragueneau vem queixar-se da vida... Desde que fechou a confeitaria para dedicar-se à poesia, ele perdeu tudo o que tinha. Já tentou ser cantor...

LE BRET – ... Músico, ator...

ROXANA – ... Porteiro...

LE BRET – E até guia de cego! Nada deu certo. ROXANA – O que será que ele está fazendo agora?

(Entra Ragueneau, muito apressado.)

RAGUENEAU – Ah, senhora! (a Le Bret, um tanto confuso) O senhor por aqui! Precisava falar-lhe...

ROXANA – (sorrindo) Sempre aflito, Ragueneau! Queixe-se a Le Bret,

já volto.

(Roxana sai.)

CENA 2

Ragueneau, Le Bret.

RAGUENEAU – Foi bom encontrá-lo aqui, Le Bret. Mas não queria falar-lhe na presença dela.

LE BRET – O que houve?

RAGUENEAU – Nosso amigo Cyrano... Esta manhã fui visitá-lo. De longe, eu o vi saindo de casa. Assim que ele dobrou a esquina, uma viga de madeira caiu do alto de uma janela, bem em cima de sua cabeça.

LE BRET – Como assim?

RAGUENEAU – Não pude ver direito... Certamente, algum criado idiota... ou um criminoso bem pago. Só sei que corri para socorrê-lo e, quando cheguei, vi nosso amigo estendido no chão, com a cabeça toda ensanguentada.

LE BRET – Morto?

RAGUENEAU – Felizmente, não. Levei-o para casa, isto é, para aquele quarto miserável onde mora, e depois convenci um médico a ir até lá, por misericórdia.

LE BRET – E o que disse o médico?

RAGUENEAU – Não entendi muito bem. Falou de febre, fratura, meninges... Fez um curativo na cabeça de Cyrano e foi embora. Vamos correndo até lá, Le Bret. Deixei-o ainda desmaiado, mas pode acordar e tentar levantar-se... será o fim.

LE BRET – Sim, vamos depressa.

(Saem os dois correndo. Roxana volta a tempo de vê-los ao longe, sem compreender por que haviam saído sem se despedir.)

CENA 3

Roxana, Cyrano.

(Roxana está sentada sob uma árvore, bordando. Cyrano, muito pálido e com o chapéu enterrado até os olhos, vem caminhando com muita dificuldade, apoiado à bengala.)

ROXANA – (sem tirar os olhos do bordado) Tudo arrefece⁵³ com o tempo... Em quinze anos, primo, este é o primeiro sábado em que você se atrasa!

CYRANO – (que chegou até o banco e sentou-se, num tom alegre, que contrasta com seu estado) Não pude evitar. Alguém me segurou em casa e me fez chegar atrasado!

ROXANA – Alguém?

CYRANO – Uma visita inoportuna. Mas finalmente consegui livrar-me dela. E como vai esse bordado sem fim?

ROXANA – (sorrindo) Já estava demorando o gracejo... E as novidades da semana?

CYRANO – (cada vez mais pálido, lutando contra a dor) Vamos lá... Sábado, dia dezenove, o rei comeu geleia demais e acabou com febre. No baile da rainha, domingo, foram queimadas setecentas e sessenta e três velas brancas. Segunda-feira... nada. Terça-feira, a corte foi para Fontainebleau. Quarta, a senhora de Monglat recusou o convite do conde de Fiesque. Quinta, Maria Mancini é quase rainha da França. Sexta, a senhora de Monglat diz “sim” ao conde. Sábado, vinte e seis...

(Cyrano fecha os olhos de dor... sua cabeça tomba.

Silêncio. Começa a entardecer.)

ROXANA – (enfim erguendo os olhos e observando-o) Cyrano! O que você tem?

53. Arrefecer: tomar-se insignificante.

CYRANO – (abrindo os olhos assustado e enterrando ainda mais o chapéu na cabeça) Nada... É aquele antigo ferimento de

Arras, você sabe. A dor às vezes volta, mas logo passa. (sorri com esforço) Pronto, já passou.

ROXANA – Cada um de nós tem a dor de uma ferida, meu caro. A minha é aquela carta manchada de sangue, que para sempre trago comigo...

CYRANO – A carta! Você prometeu que um dia, se eu quisesse, me deixaria lê-la.

ROXANA – E você quer? CYRANO – Sim, hoje quero.

ROXANA – (dando-lhe uma pequenina bolsa que traz pendurada ao pescoço) Ei-la.

CYRANO – (abrindo-a e lendo em voz alta)

“Adeus, Roxana, eu vou morrer,

E há de ser em breve, ó minha doce amada. Dentro deste meu peito o amor canta alvorada...

E eu morro! Nunca mais, nunca mais os meus olhos, Que nos teus olhos colhiam o malmequer,

Hão de beijar, passando, os gestos que fizer! Vejo um deles daqui: o gesto pequenito

Com que toca na fronte... e quero dar um grito...” ROXANA –

Mas você lê em um modo... E essa voz... CYRANO –
(continuando)

“E eu exclamo: Adeus, querida! Meu amor! Meu coração a segue todos os instantes

E será sempre, até nos mundos mais distantes, O mesmo coração que ama com ardor...”

ROXANA – Como você consegue ler tão bem no escuro?

(Cyrano estremece. Interrompe a leitura e olha para ela, depois abaixa a cabeça, sem nada responder.)

Cyrano! Durante quinze anos você fez o papel do amigo prestativo...54

54. Prestativo: que presta favores, benévolo.

CYRANO – Roxana! ROXANA – Então era você!

CYRANO – Não, Roxana, escute...

ROXANA – Não tente negar. O tom de sua voz, ao dizer o meu nome, é inconfundível...

CYRANO – Não, eu juro!

ROXANA – Agora compreendo tudo. As cartas eram escritas por você... CYRANO – Não!

ROXANA – Aquela linguagem linda... A alma era sua! Você me amava, Cyrano!

CYRANO – Não, eu nunca a amei! ROXANA – Você está mentindo!

CYRANO – Não era eu. Era Cristiano! ROXANA – Não adianta negar!

CYRANO – Eu não a amava, meu amor querido, eu nunca a amei...

ROXANA – Ah, quantas coisas morrem, quantas coisas nascem!... Por que você sustentou por tanto tempo esta mentira? Agora sei que as lágrimas na carta eram suas...

CYRANO – Mas o sangue era dele!

ROXANA – Mas, diga-me, por que hoje você resolveu romper esse silêncio?

(A conversa é interrompida pela chegada de Le Bret e Ragueneau, que entram correndo.)

CENA 4

Roxana, Cyrano, Ragueneau e Le Bret.

LE BRET – Que imprudência! Eu logo suspeitei que estivesse aqui... CYRANO – (tentando mostrar-se bem-disposto) Ora vejam, que novidade!

LE BRET – (a Roxana) Ele não podia levantar-se. Matou-se, vindo aqui!

ROXANA – Meu Deus! Então era isso! Aquela fraqueza, a dor...

CYRANO – Sim, é verdade, estou muito mal. Mas quero terminar o noticiário da semana: sábado, vinte e seis, uma hora antes do jantar, o senhor de Bergerac morreu assassinado.

(Tira o chapéu e mostra a cabeça envolta num curativo ensanguentado.)

ROXANA – Sua cabeça está ferida! Quem fez isso a você? Por quê?

CYRANO – No fim da carta eu dizia: “Tombo por um golpe desfechado no coração, de frente, por algum nobre...” Mas o destino é zombeteiro! Vou morrer vítima de uma vil emboscada, ferido fatalmente por uma viga de madeira derrubada sobre minha cabeça pelas mãos de algum criado! Pois é, amigos, falhei até na morte.

RAGUENEAU – (comovido) Não diga isso!

CYRANO – Não chore, Ragueneau. Diga-me... o que tem feito ultimamente?

RAGUENEAU – No momento trabalho como acendedor de velas na casa de Molière. Mas deverei deixá-lo assim que possível. Ontem assisti a uma de suas peças e fiquei indignado: uma das cenas era inteira sua, Cyrano!

LE BRET – Inteira! Molière roubou-a de uma obra sua! CYRANO – Mas... a cena ficou boa, Ragueneau?

RAGUENEAU – (chorando) A plateia adorou! Riam sem parar!

CYRANO – Em minha vida fui sempre aquele que inspira... e depois é esquecido. Você se lembra, Roxana, daquela noite em que Cristiano lhe falou, sob o balcão? Pois é. Toda a minha vida está ali: sozinho, escondido, à sombra, enquanto outros subiam para colher o beijo da vitória. Este seria para mim um ótimo epitáfio:⁵⁵ “Molière era um gênio, Cristiano era formoso.”

(Soam os sinos da capela. Religiosas atravessam o jardim para ir à missa.)

É hora de rezar.

55. Epitáfio: inscrição tumular.

ROXANA – (erguendo-se para chamar) Irmãs!

CYRANO – (detendo-a) Não, Roxana, não vá! Quando você voltasse, eu já não estaria mais aqui...

ROXANA – Você precisa viver! Eu o amo!

CYRANO – Não, minha cara. É só nos contos de fada que o sapo se transforma em príncipe ao ouvir a frase: “Eu o amo”. Como você pode ver, eu continuo sempre o mesmo...

ROXANA – Sou eu a culpada de sua desgraça!

CYRANO – Não, ao contrário, Roxana. Só você me fez conhecer o verdadeiro amor. Minha mãe me achava feio; não tive irmãs;

das mulheres que conheci mais tarde, só recebi zombarias. Em você eu tive, ao menos, uma amiga.

LE BRET – (apontando a Lua, que surgia entre os ramos das árvores)

Veja, Cyrano, eis ali uma outra amiga que veio ver você...

CYRANO – Sim, Le Bret, em breve eu vou subir à Lua, onde encontrarei Sócrates, Galileu e tantas outras almas que venero...

ROXANA – Amei uma só pessoa e a perdi duas vezes!

LE BRET – (revoltando-se) Não, não! Tudo isto é muito estúpido, é muito injusto! Um poeta tão brilhante, um coração tão grande... não pode terminar assim!

CYRANO – (erguendo-se, com os olhos arregalados) Os cadetes da Gasconha!... A massa elementar! ... Copérnico afirmou que...

LE BRET – O amor à ciência... até no delírio...

CYRANO – Fui filósofo, poeta, músico, amante da ciência, viajante, espadachim... E amante, sim, mas do amor que fere... Aqui jaz Saviniano Hércules Cyrano de Bergerac, que foi tudo e não foi nada. Desculpem-me, tenho de ir. Um raio de Lua veio me buscar!

(Cyrano volta a sentar-se. O choro de Roxana o traz de novo à realidade. Ele olha para ela e acaricia seu rosto.)

Não deixe de chorar por Cristiano... tão bom, tão belo... Mas peço que seu luto também seja um pouco por mim.

ROXANA – Eu juro!

(Cyrano tem um grande calafrio e ergue-se bruscamente.)

CYRANO – Não aqui! Sentado, assim, não! (tentando livrar-se dos amigos que querem ampará-lo) Deixem-me morrer de pé, amparado somente por aquela árvore! (silêncio) Ela se aproxima... Já sinto meus pés cobertos de mármore e chumbo!

(Cyrano desembainha a espada.)

LE BRET – Cyrano! ROXANA – Cyrano!

CYRANO – A megera já está aqui, olhando-me, zombando de meu nariz! (ergue a espada) É inútil combatê-la? Mas não se luta apenas para vencer! Por isso mesmo, talvez, a luta seja mais sublime! Quantos são vocês? Mil? Ah, eu os reconheço, todos os meus inimigos! A Mentira? (desfechando golpes no ar) Tome! Os Preconceitos? Tome! A Corrupção? A Venalidade? Jamais, jamais eu me renderei! A Covardia? A Mediocridade? Tomem todos! (detém-se, ofegante)

Tudo a morte me arranca: a rosa, a palma, o louro! Arranca. Mas existe algo imorredouro

Que eu levo e que, quando entrar na casa de Deus, Varrerá
largamente o luminar dos céus;

E, puro como a glória, ardente como um facho, Eu sempre
levarei... E que é...

(A espada escapa-lhe da mão, ele cambaleia e cai nos braços
de Ragueneau e de Le Bret.)

ROXANA – (beijando-lhe o rosto) É...

CYRANO – (abrindo os olhos e sorrindo) ... O meu penacho.

CAI O PANO

InfoLivros.org

